

BACIA DO SÃO FRANCISCO  
*O rio e o homem. A história e a esperança.*

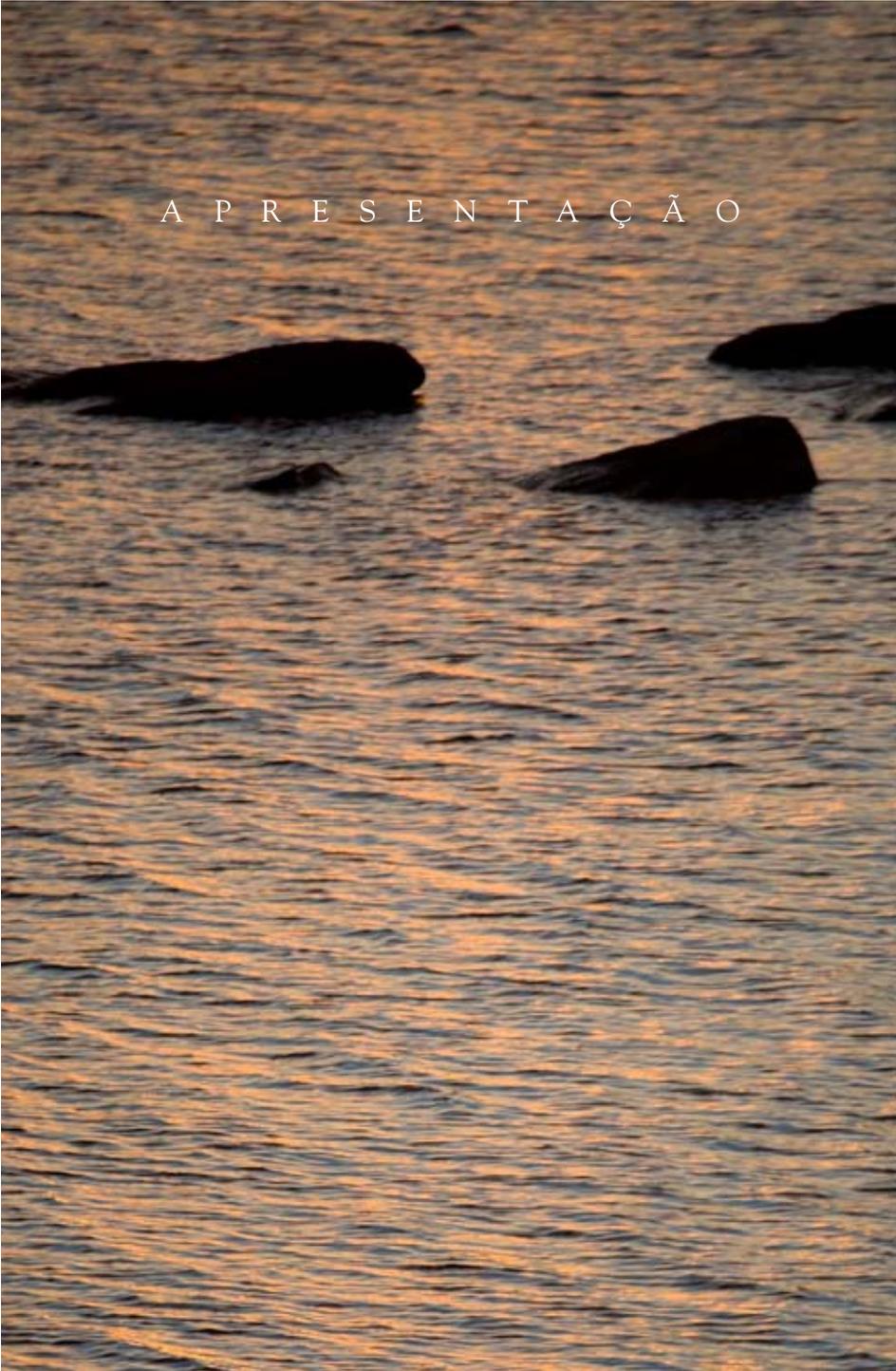
G U I A   D O   P E S C A D O R

**CEMIG**  
A Melhor Energia do Brasil.



BACIA DO SÃO FRANCISCO  
*O rio e o homem. A história e a esperança.*

G U I A   D O   P E S C A D O R



A P R E S E N T A Ç Ã O

*Este guia apresenta o rio mais presente na diversidade cultural brasileira sob a perspectiva do personagem mais marcante de sua paisagem: o pescador. Relata histórias, costumes, dúvidas, crenças, alegrias, indignações e a esperança de ver tamanho patrimônio preservado e de viver tempos melhores no convívio diário com o Rio São Francisco. O livro é fruto da coleta de depoimentos e belas imagens em viagens pelo trecho mineiro do Velho Chico, incluindo importantes afluentes onde a pesca é autorizada e praticada. Com uma equipe percorrendo o trajeto de carro e de barco, sempre acompanhada de representantes dos pescadores, a prosa embaixo de sol a pino ou na sombra de um jatobá rendia horas e ia desde assombrações como o caboclo d'água até peixes pesados em arrobas. O resultado é um retrato do protagonista da obra: o homem do São Francisco.*

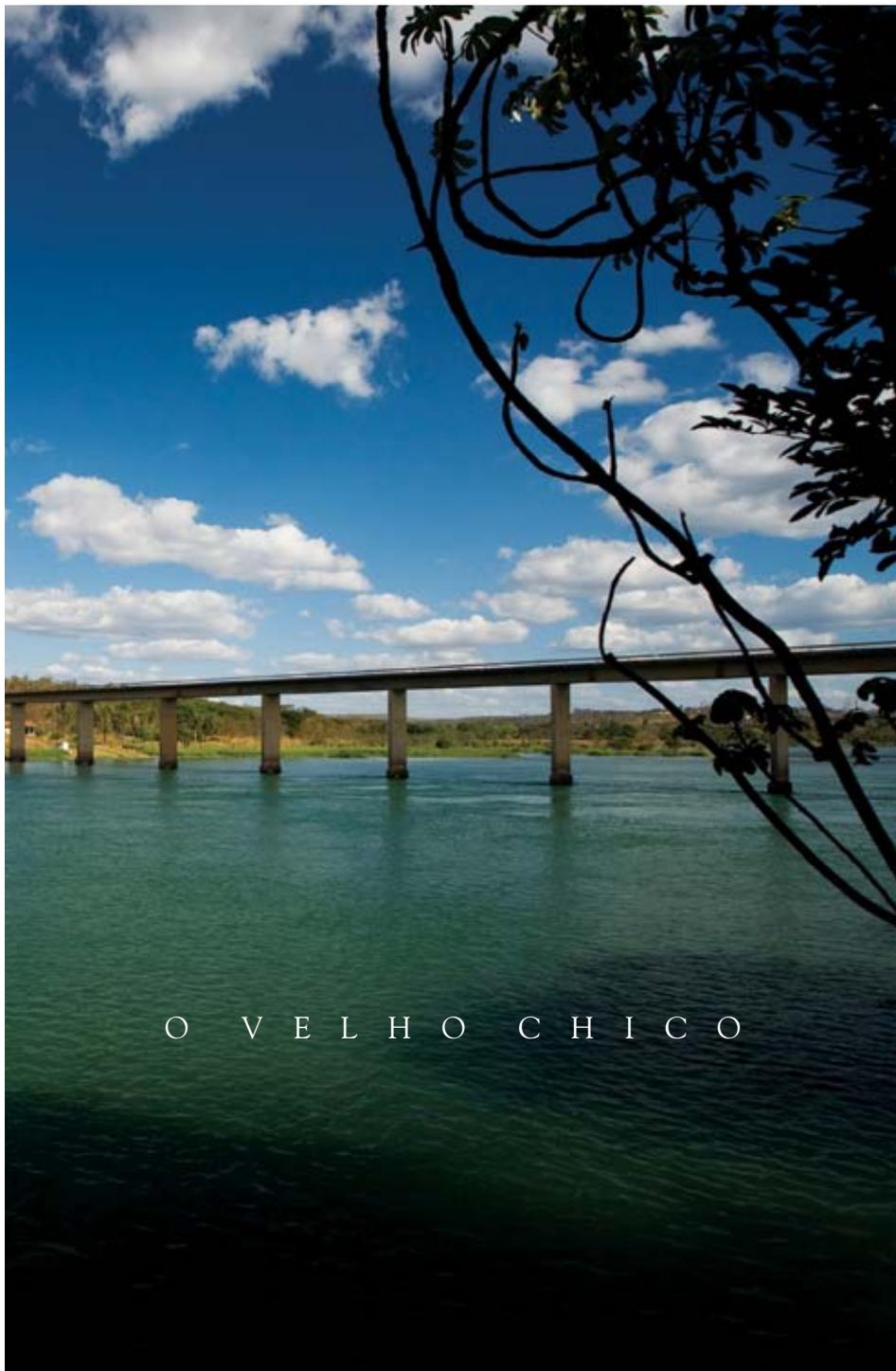


## Í N D I C E

O Velho Chico	8
O lago	10
A vegetação	12
A fauna	14
O rio pede socorro	16
O homem	22
<i>Três Marias</i>	24
<i>Pesca na represa</i>	26
<i>Independência</i>	32
Piracema	38
A pesca em Pirapora	40
Legislação	44
A Pesca hoje	50
O Rio Paracatu	60
A força do rio	62
O silêncio	68
<i>A dureza da lida</i>	70
O investimento	76
<i>A mulher e o rio</i>	80
Dicas de pescador para a saúde	85
Receita de barranqueiro	86
Grupo artesanal de peixe defumado	89
Igreja de Pedras – Barra do Guaicuí	90
Dourado, o rei do rio	94
Curimatã, o preferido	94
Surubim: regime forçado	95
O caminho do peixe	100
As lagoas marginais	101
Pesca de rela	104
Mergulho proibido	104
Tempo bom	105
Belezas naturais	106
O Rio Pará	108
Peixe Vivo	114
Pescadores	118
Bibliografia	118



*“Perto de muita água, tudo é feliz.”*  
Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas

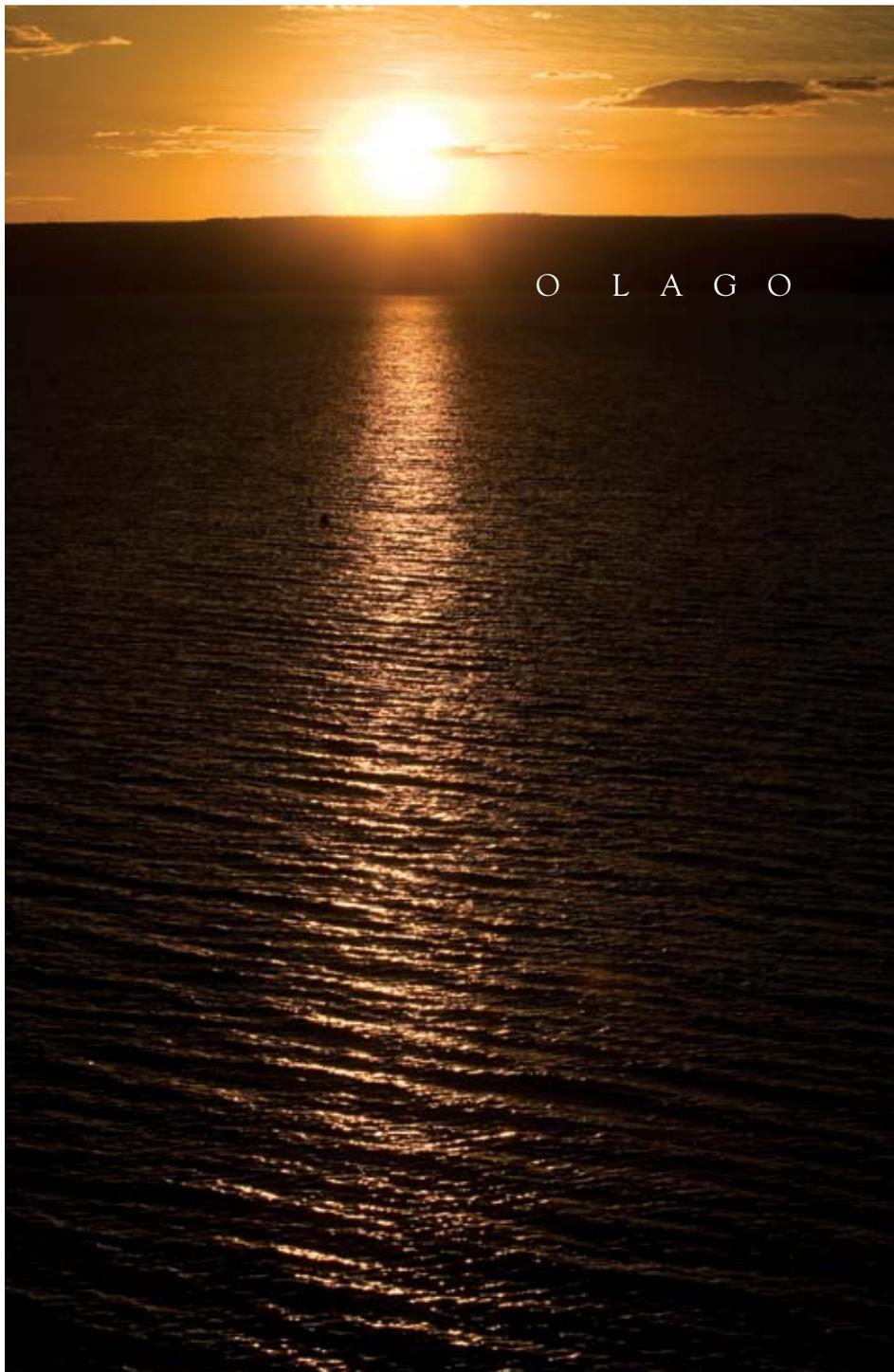


## O V E L H O C H I C O

**D**escoberto pelo navegador espanhol Américo Vespúcio em 4 de outubro, dia de São Francisco, em uma expedição no ano de 1501, o Rio São Francisco tem 2.700 quilômetros de extensão e corta cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. O trecho mineiro do Rio São Francisco entre a sua nascente e Pirapora é conhecido como Alto São Francisco. Até Remanso, na Bahia, é chamado de Médio São Francisco. Seguindo para Paulo Afonso, também na Bahia, é o Submédio São Francisco e, até sua foz no Atlântico, é conhecido como Baixo São Francisco. Desde sua nascente, em um brejo em São Roque de Minas (MG), em local conhecido como “Chapadão do Zagaia”, na Serra da Canastra, até sua foz na divisa entre Sergipe e Alagoas, são mais de 500 municípios banhados pela bacia, onde vivem 14 milhões de habitantes. Alguns afluentes banham também o Estado de Goiás e o Distrito Federal.

A velha nascente, porém, tem sido questionada. De acordo com estudo realizado pela Codevasf – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba, o São Francisco nasce na Serra do Araxá, em Medeiros, na atual nascente do Rio Samburá.

Em suas margens pernambucanas foi formado o primeiro povoamento que usaria suas águas como fonte de vida. É o maior rio inteiramente brasileiro. Mais que um rio, o Velho Chico é um fato cultural. Seus principais afluentes são os rios Paraopeba, Abaeté, Paracatu, das Velhas, Urucuia, Jequitaiá, Verde Grande, Carinhanha, Corrente, Grande e Pará.

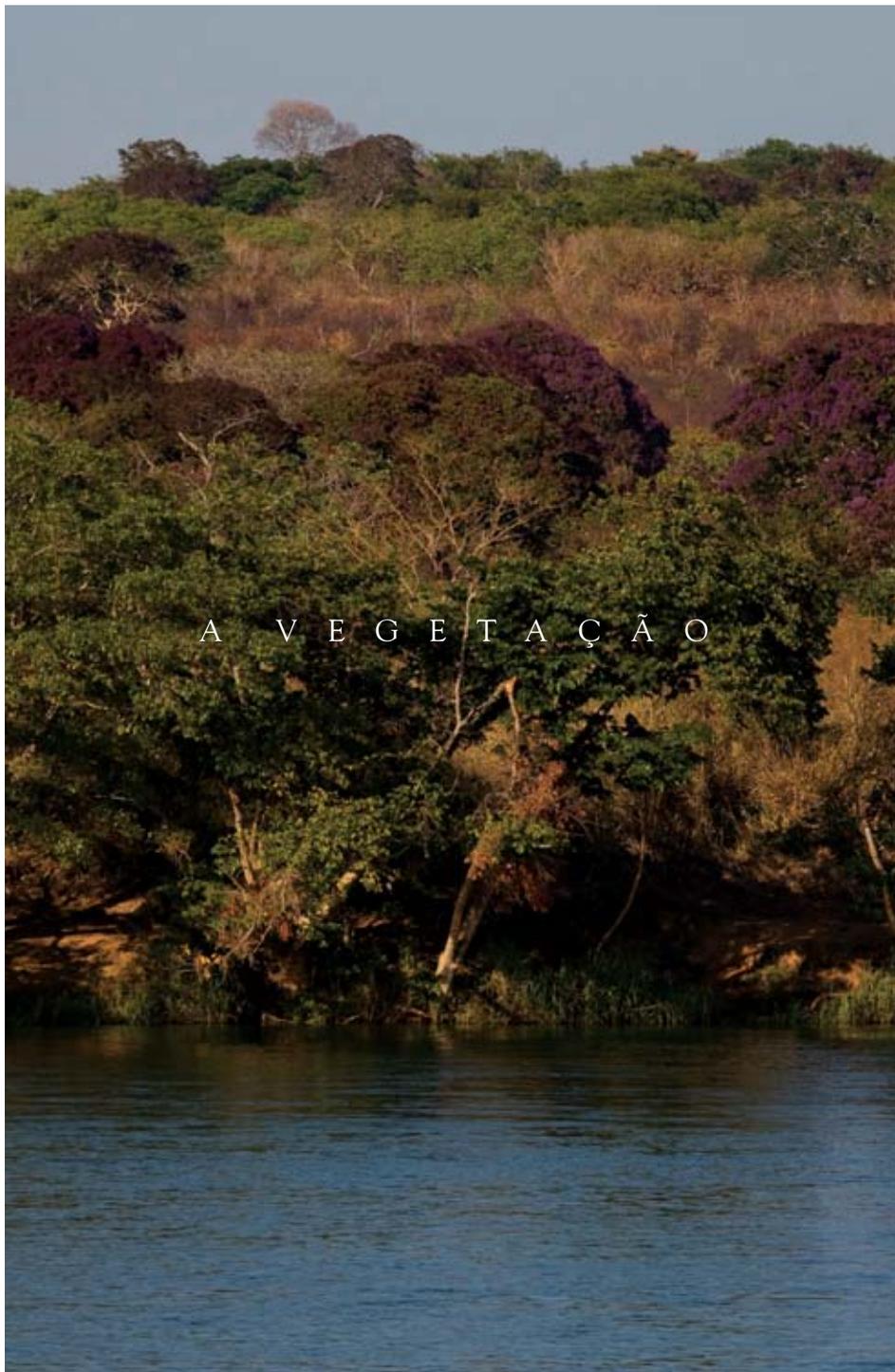


## O L A G O

O Lago de Três Marias foi formado com a construção de uma das maiores barragens de terra do mundo, a Barragem de Três Marias. O objetivo foi regularizar o nível das águas do Rio São Francisco nas cheias periódicas, melhorar a navegabilidade e disponibilizar seu uso para a irrigação, além de utilizar o potencial hidrelétrico para a indústria e o consumo da população. A barragem tem 2.700 metros de extensão e altura de 75 metros. Sua usina gera 396 megawatts, o suficiente para abastecer 1,1 milhão de habitantes, número cerca de 17 vezes maior que a população de Januária, a cidade mais populosa do trecho mineiro do rio, com quase 65 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A obra foi concluída em janeiro de 1961.



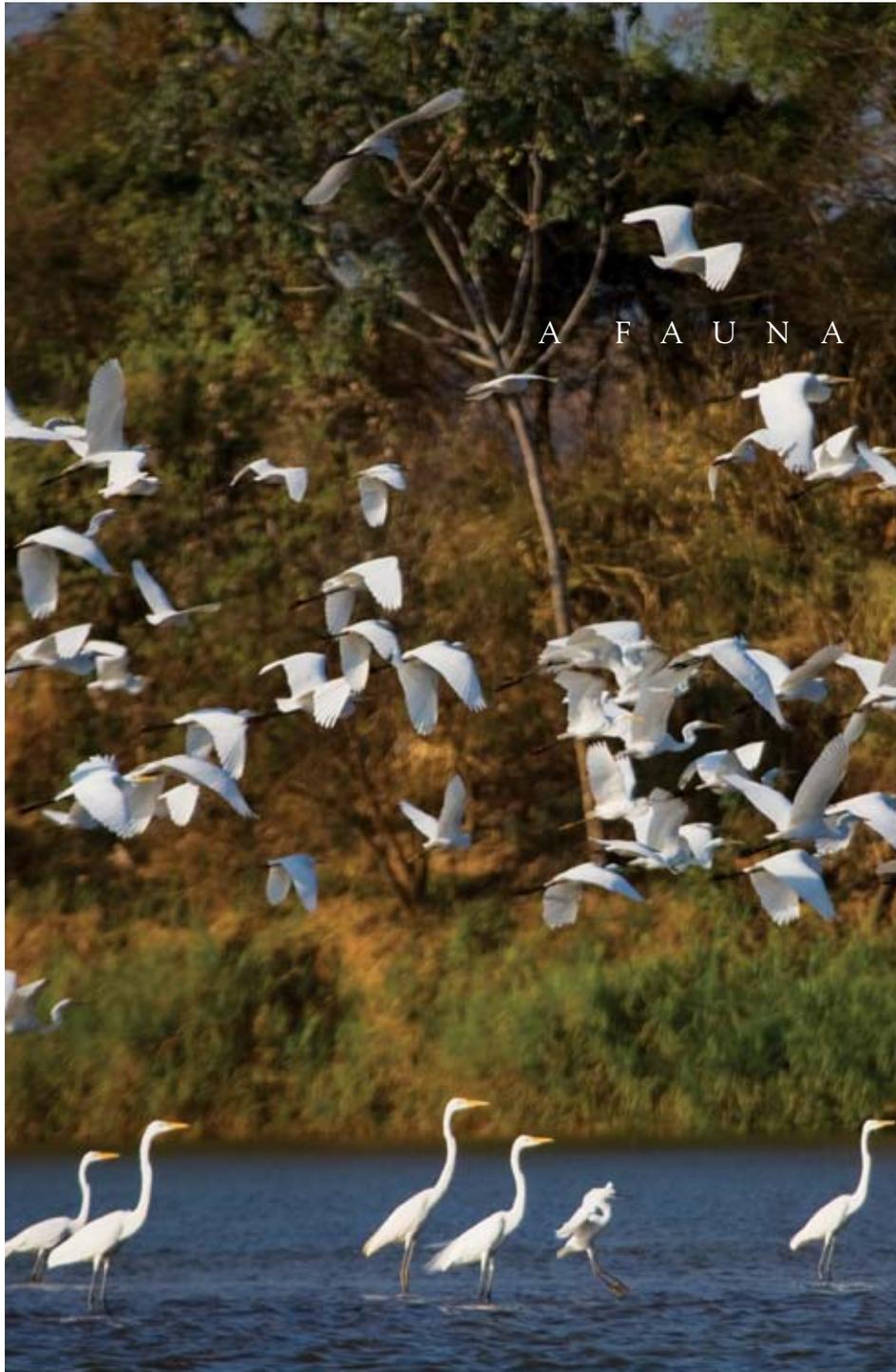
O lago, também chamado de Doce Mar de Minas, tem 21 bilhões de metros cúbicos de água, 1.040 quilômetros quadrados de superfície e banha oito municípios: Paineiras, Biquinhas, Morada Nova de Minas, Felixlândia, Abaeté, São Gonçalo do Abaeté, Pompéu e Três Marias.



A vegetação nas margens do São Francisco é formada pelas matas ciliares, que acompanham não só o curso do rio, mas também os córregos e ribeirões, e contornam lagos e açudes. O cerrado, bioma predominante, vem sendo devastado pelos pequenos e grandes carvoeiros, e também para a abertura de pastagens. As queimadas são comuns no inverno, pelo tempo seco, mas, principalmente, pela ação predatória do homem.

A ação mais criminosa do homem nas margens do Velho Chico atinge as veredas, imortalizadas pelo escritor João Guimarães Rosa. As veredas são caracterizadas pela presença de buritis, palmeiras que dão frutos amarelos, e concentração de água vinda direto de nascentes, que surgem em clareiras de vegetação rasteira. Cerca de 80% dos rios afluentes da margem esquerda do São Francisco têm veredas em suas cabeceiras.

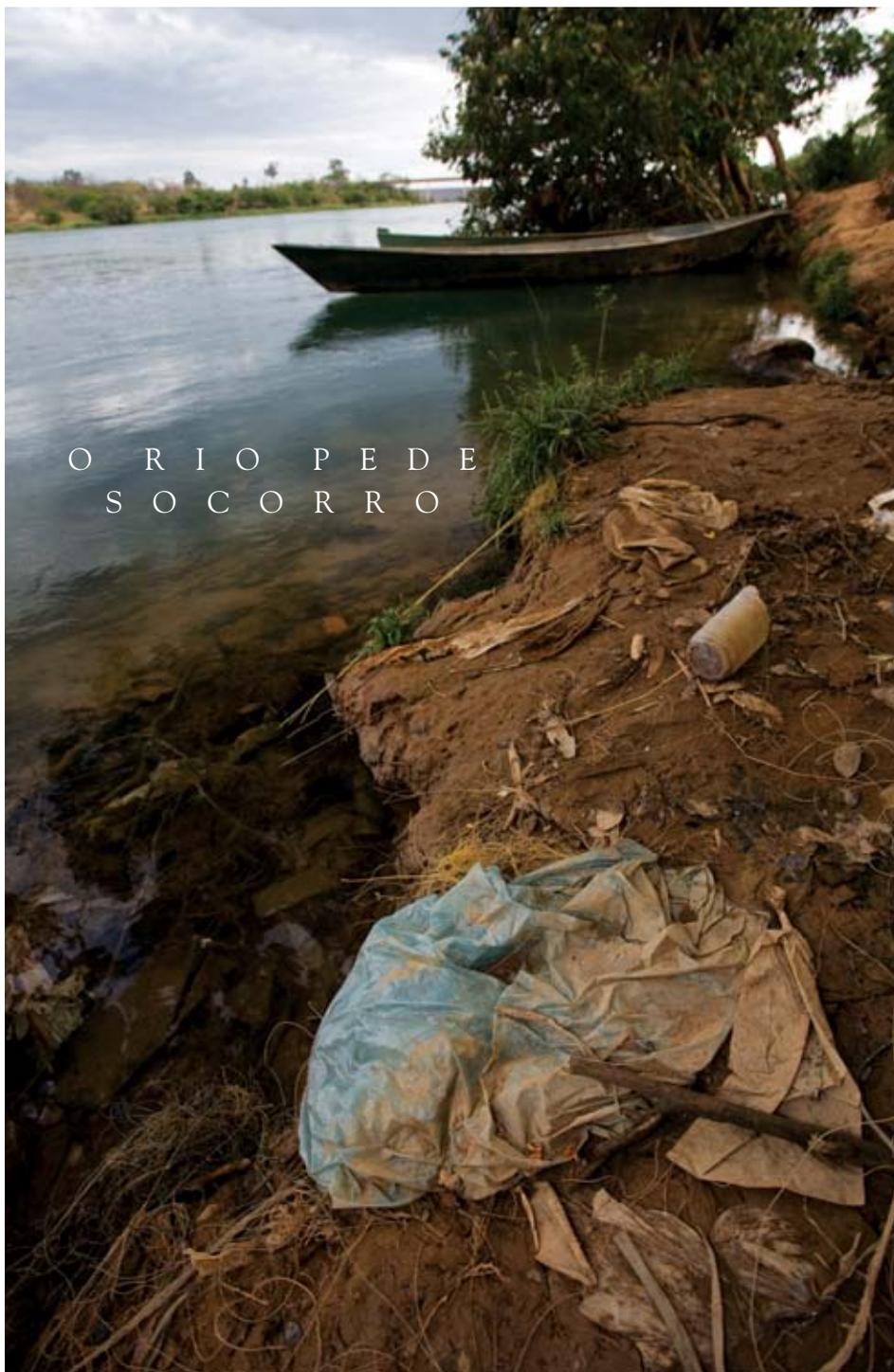
As árvores são exuberantes e de espécies variadas: jatobás, angás, imbaúbas e gameleiras são as mais presentes nas encostas do rio.



A partir da Barra do Rio Abaeté a vegetação marginal se torna mais densa e é possível avistar capivaras nas margens, tucanos nos topos das árvores, cágados nas pedras e uma grande variedade de primatas – micos, sagüis, guaribas, entre outros. As aves estão em todos os lugares: nas encostas dos barrancos e, principalmente, nas ilhas formadas ao longo do rio.

Atrás das casas e dos ranchos dos pescadores, são muitas as histórias de sustos com cobras, porcos e, especialmente, onças-pintadas, pretas e amarelas.





O R I O P E D E  
S O C O R R O

*“Eu vou morrer  
defendendo esse rio.  
Se destruírem  
com ele vão acabar  
com a vida de  
milhares de famílias  
que dependem  
dele pra viver.”*

Norberto – Três Marias

O estado de degradação do Velho Chico hoje é o retrato do que ocorre com diversos outros rios do país. O São Francisco sofre com a ação desordenada de indústrias, com o uso indiscriminado de agrotóxicos e com esgotos domésticos e industriais.

As derrubadas e queimadas de árvores são cada vez maiores, na nascente e ao longo do rio. Além disso a grande maioria das cidades ribeirinhas não têm sistema de saneamento básico e despejam todo o esgoto em seu leito.

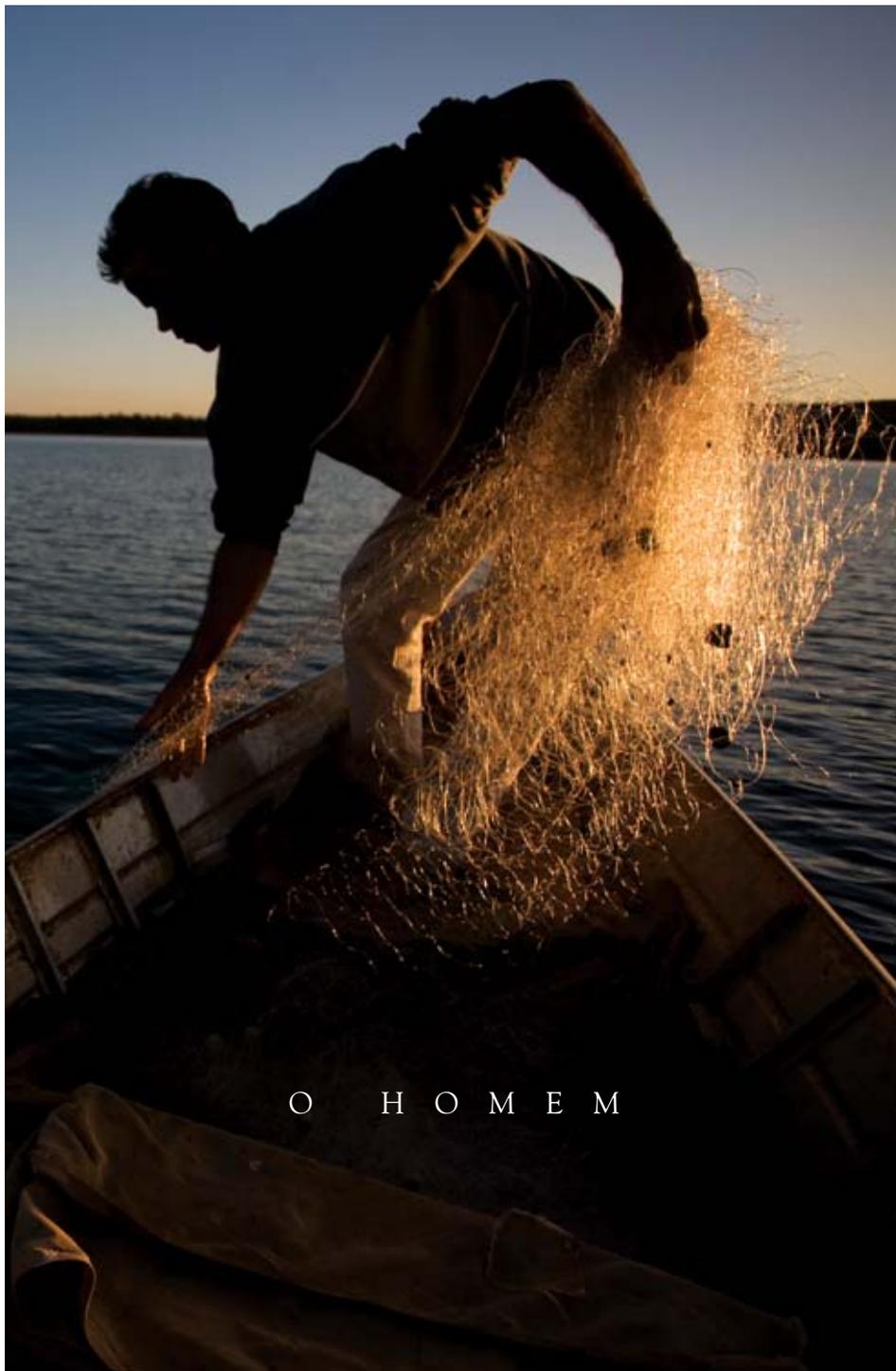
O desmatamento realizado às margens dos córregos e veredas, além de aterrar o rio com grandes quantidades de areia, destrói também muitos berçários de peixes, que são as lagoas marginais. O acúmulo de terra no rio impressiona quem o desce a partir de Pirapora. A dificuldade de navegação é imensa, principalmente à noite, devido ao grande número de ilhas que estão se formando em seu percurso. O assoreamento, se ainda não matou o São Francisco, quase acabou com a navegação em seu leito, em Minas Gerais.

Das 32 embarcações a vapor que já existiram no rio, sobrou apenas uma – o vapor Benjamim Guimarães, em Pirapora, hoje restrito a um passeio semanal, numa distância limitada a 15 quilômetros. O barco é hoje o único vapor movido a lenha ainda em operação no mundo.

De Três Marias a Januária, o pescador do São Francisco sofre os efeitos dessa devastação no rio, mas é ele o primeiro a dizer: “o rio tá cheio de peixe”. “Apesar de tudo isso ele é lindo e maravilhoso, de fome e de sede ele não morre”, diz Manoel Surubim, da Barra do Urucuia, com sua experiência de 50 anos como pescador na região.







O H O M E M

*D*e Três Marias, região central de Minas Gerais, a Januária, no norte do Estado, o sentimento de quem atravessa cerca de 350 quilômetros em um pequeno barco a motor ao longo do Rio São Francisco é muitas vezes contraditório. A beleza da paisagem e a imensidão do Velho Chico são um deslumbramento aos olhos de quem passa ali pela primeira vez. A mão do homem, porém, trouxe o desmatamento, a poluição das águas, o assoreamento, a destruição de berçários naturais, e tudo isso afeta diretamente a vida de quem depende do rio para tirar o sustento da sua família.

Homem de vida simples, cercado de natureza por todos os lados, o pescador artesanal da parte mineira do São Francisco já viu e ouviu muita coisa. Ele é testemunha de casos inacreditáveis de pescarias, assombrações, tempestades, dias e noites com o barco cheio de peixe, além do caboclo d'água (*personagem com cabeça grande e um olho no meio da testa que vira barcos, espanta peixes e só sossega quando lhe oferecem fumo – “um aperitivo”*),

*“Se o rio pudesse falar e contar as histórias que saem dele, ih, rapaz...”*

Conceição,  
Barra do Guaiçú

mãe d'água (*sereia que vive no Velho Chico e vem à tona à meia-noite e desaparece com pescadores quando o rio dorme*), minhocão (*mistura de serpente e peixe, o minhocão é uma criatura apavorante, de proporções gigantescas, que habita as águas do rio*). Convive também com a concorrência da pesca amadora e reclama dos atritos com fiscais que cometem abuso de autoridade, da falta de reconhecimento, da diminuição de peixes no rio. Mesmo assim faz questão de dizer que é um homem feliz por ter o privilégio de viver em harmonia com o São Francisco e com tudo o que a natureza oferece em volta dele.

## T R Ê S M A R I A S

A partir da barragem de Três Marias é como se o São Francisco “nascesse pela segunda vez”, depois do seu início na Serra da Canastra. A relação dos pescadores da cidade com o rio é privilegiada, em comparação aos outros companheiros que moram às suas margens, a caminho de Januária. Ali se pesca no rio ou na represa, explora-se a atividade turística,

todos têm barco a motor e o peixe é mais valorizado. A variedade de espécies é grande: dourado, curimatã, tucunaré, piranha, traíra, piau, matrinxã, mandi, corvina, dentre outros.

Quando se fala em pesca na cidade, o nome de Norberto Antônio dos Santos é uma referência. Ele chegou a Três Marias aos 11 anos, acompanhando seu pai, que veio trabalhar na construção da ponte na BR-040, que atravessa o rio. Hoje, com 59 anos e 48 de pesca, 5 filhos e 5 netos, vive na beira do rio com a mulher, dona Maria José, tem um conhecimento profundo do São Francisco e da realidade do pescador e fala com orgulho dessa vida de harmonia entre o pescador, o rio, a natureza.

“Hoje há mais concorrentes, o rio mudou muito, mas eu adoro isso aqui”, diz. Atualmente ele não pesca muito, mas tem filhos pescadores e é bastante solicitado por turistas e pescadores amadores para passeios de barco e pescarias no São Francisco.



## P E S C A   N A   R E P R E S A

Quem pesca no rio usa tarrafa ou anzol, mas na represa o investimento é alto: em geral são utilizadas até 20 redes de espera, de 200 metros cada. Ao contrário do rio, cuja cheia faz a alegria do pescador, quando a barragem enche fica mais difícil pegar o peixe, que se esconde na madeira das árvores situadas no fundo. “A gente pega o peixe no raso, quando ele vem à procura de alimentação, dos peixes pequenos. No nosso caso aqui, é o peixe que pega a rede, e não o contrário. Se ele não andasse, eu estava encrencado”, brinca Luciano Oliveira, que pesca no Ribeirão do Boi há 25 anos. Em média, ele pesca 200 kg de peixe toda semana, no mês de setembro.

*“Eu nunca vi caboclo d’água, não. Mas acreditar eu acredito, porque dentro d’água tem tudo.”*

No acampamento, ele e mais dois companheiros, Silvano e Luís Cláudio, passam a semana nos ranchos e voltam para casa nos fins de semana. “A pesca está boa, mas o problema de hoje é que tem muito pescador”, diz Silvano. Todos têm barco a motor.



Pedras de Maria da Cruz

Os pescadores saem para o trabalho três vezes ao dia, em média. Eles têm luz em casa e muitos vendem seu peixe direto para o público, outros repassam para revendedores. “A nossa região é onde tem pescador melhor de vida”, diz David Alves da Silva, cearense que mora há 30 anos na cidade e pesca na represa. Sua família tem uma longa tradição na pesca, iniciada no Ceará. “Meu avô pescava em açude, com 6 quilômetros de água. Somos 20 irmãos e, dos 17 que estão vivos, todos vivem da pesca até hoje”, diz ele, com orgulho.

Depois de Três Marias encontramos ribeirinhos que se fixaram na margem do rio há décadas. Como faziam os índios cariris no passado, eles se instalaram em pontos estratégicos, onde afluentes próximos deságuam no São Francisco, revigorando a vida aquática.

Assim, Dimas da Silva, em Carlito Pereira, encontra-se próximo à Barra do Espírito Santo e da Escadinha; Agenor Lima e Juarez Dias estão na Barra do Rio Abaeté e dona Antônia de Barros, na Barra das Pindaíbas, na região vizinha; David Turiba,

na Ilha do Sucesso, tem acesso à Barra do Rio de Janeiro; Coló, na Ilha das Pimentas, pesca na Barra do Rio Formoso.

Depois de Pirapora, onde há a pesca de corredeira, encontramos Conceição, no Rio das Velhas; Jorge e Zinha, na Barreira do Cigano; Zezinho, em Ibiaí; Du, no Rio Paracatu; e Manoel Surubim, na Barra do Rio Urucuia, antes de chegar a São Francisco e Januária. Todos pescam com rede de caceia (*em que a rede fica à deriva, solta*), rodada (*anzol em movimento no barco*) e pinda (*anzol de galho*).

Quem está próximo a Três Marias acampa às margens do rio durante a semana e retorna à cidade aos sábados e domingos. Dimas é um que não troca seu rancho por nada desse mundo. Da sua casa sem luz, tem visão privilegiada do rio, prepara sua comida e esquentam a água para o café no fogão de lenha. Sai para pescar com anzol até quatro vezes por dia em seu barco a motor, e também costuma pegar peixes na pinda (*anzol de galho*).



Toda semana leva cerca de 80 kg para vender em Três Marias, onde mora sua mulher e os quatro filhos. “A gente acorda, pega o dourado aqui e tira o sustento para criar os filhos, sempre em contato com a natureza. Melhor do que isso aqui, só se ganhar na Sena”, diz, sorrindo.

Na Barra do Abaeté, o fluxo de turistas é grande. Agenor Lima, 82 anos, reclama da concorrência. “Está difícil vender peixe porque o pescador amador pega mais do que a gente, eles têm mais recursos”. Mas há também quem fature com o movimento. “Hoje eu ganho mais dinheiro com o turista, alugando motor e barco. Quero investir mais nisso, porque o peixe tá muito fracassado”, conta Juarez Dias, de 36 anos.

Norberto, em Três Marias, faz passeios regulares com os turistas e diz que a exploração dessa atividade é uma importante fonte alternativa de renda para muitos pescadores. “Penso que poderia haver um acordo de pesca em que o pescador profissional trabalharia de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, e no fim de semana iria com o seu barco atender o turista, o pescador amador.



*Em alguns trechos, a imensidão do céu se confunde com a grandeza do São Francisco.*

Por outro lado, se isso fosse definido por lei, seria uma janela para a proibição da pesca, pois existe uma política de turismo que não é simpática ao pescador”.

## I N D E P E N D Ê N C I A

A liberdade de trabalhar na hora que bem entender, sem dar satisfações a ninguém, é um dos maiores prazeres do pescador. De Três Marias a Januária as diferenças de vida são grandes, mas a independência é um fator comum a todos eles. “Eu gosto daqui porque é um lugar sossegado. É melhor do que ficar no meio de uma multidão de gente pra me encher o sapato”, define Maria Antônia de Barros, a dona Antônia, na Barra das Pindaíbas. Mãe de oito filhos e oito netos, separada, ela mora sozinha em seu rancho sem luz, cuidando das plantas e arrumando a casa. Ela complementa sua renda com faxinas na vizinhança e venda de iscas. “Hoje a pesca está difícil, antes era mais fácil viver do rio. Mas eu não fico parada, não, porque a boca não espera e barco parado não ganha frete”, diz, com bom humor.

*“Tem muita gente que acha que é conversa de pescador. Eu só digo o seguinte: o compadre d’água existe sim, não existe pra quem nunca viu. O desengano das vistas não é ver? Mas hoje é mais difícil topar com ele, porque antigamente o rio era menos explorado.”*

Moranga, Pirapora



“Em 1963, na Barra da Lucinda, havia muitos barcos a remo e a concorrência desencorajava muita gente. Havia um sujeito folclórico conhecido como Pelé, que falava com os pescadores: ‘me paga um litro de conhaque que eu vou benzer essa rede sua e você vai pegar peixe adoidado’. Os outros pegavam 30, até 40 peixes em uma levada, mas a rede benzida só pegava três ou quatro dourados. E Pelé ficava bêbado a vida inteira, vivendo só de benzer rede e enrolar os outros...”

Norberto, Três Marias

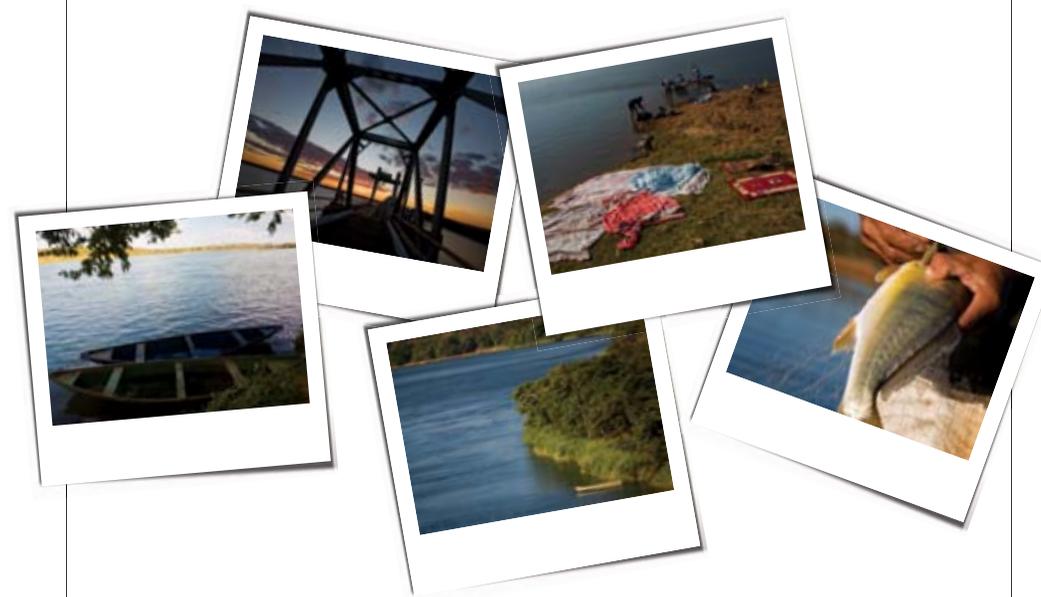


“Quando eu tinha uns 15 anos eu conheci um pescador chamado Plácio Sieber, era o maior que tinha aqui na região. Um dia ele nos contou que tinha pescado um surubim enorme, mas ele estava bêbado, caiu n’água e o peixe o engoliu. E ele abriu o surubim com o facão dele, passou na barriga do peixe e saiu com esse caso, eu nunca esqueci isso.”

Coló, Pirapora

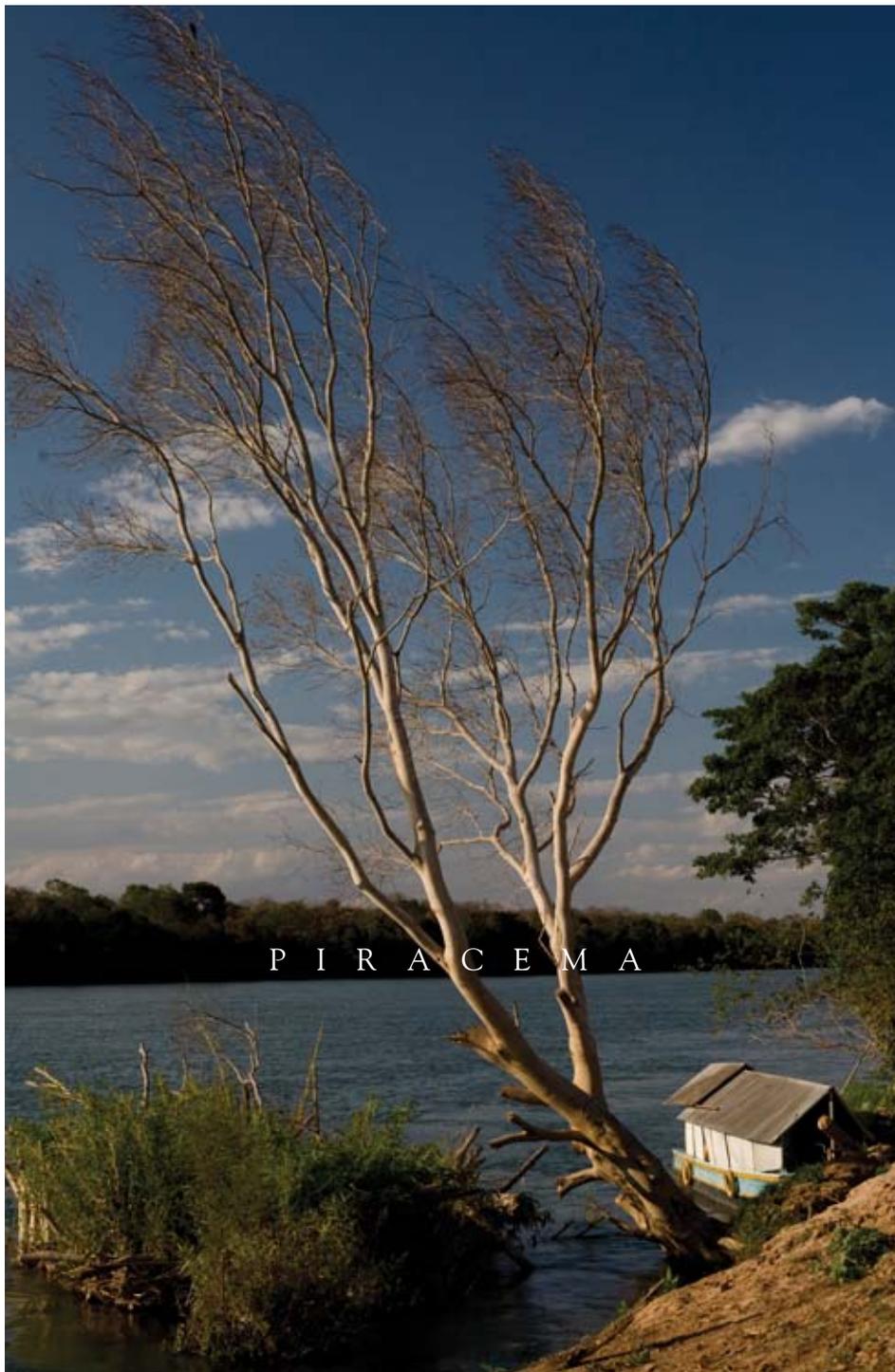
“Estava pescando de noite, sozinho, no remo, no loteamento Beira-Rio. Vi uma cabeleira rodando por cima d’água, não parava de rodar. De repente o negócio parou na altura da proa do barco, eu vim de lá com o remo e bati com força em cima. Daí o negócio sumiu. De lá pra cá fiquei meio assombrado.”

David Turiba, Ilha do Sucesso



“Miltinho do Barreiro disse que a mulher estava lavando roupa, levou o filho junto e deu uma banana pra ele. Quando ela olhou, cadê o menino? A mulher foi atrás dele. Miltinho tava pescando ali, jogou a tarrafa e pegou um surubim. Disse que o menino estava sentado dentro da barriga do surubim, comendo a banana.”

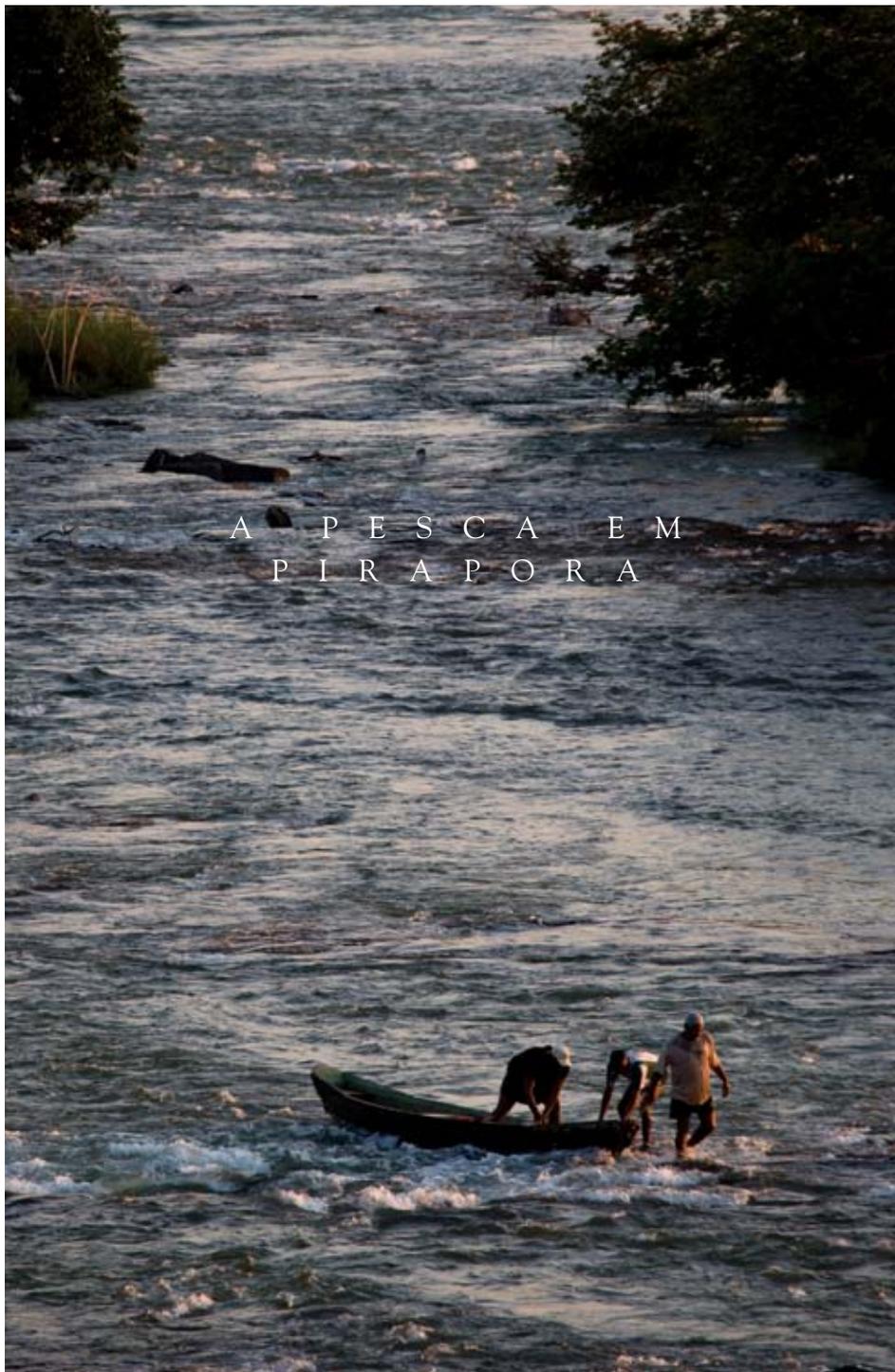
Tião, Barra do Guaiçuí



*Ilha das Pimentas. Nas encostas, pode-se admirar a beleza do rio com sossego e tranquilidade.*

O pescador não pesca na época da piracema, de novembro a fevereiro, quando os peixes desovam e se reproduzem; só é permitido pescar 5 kg diários, mais um exemplar de cada espécie. Quem tem registro da atividade em carteira recebe, como compensação, um salário mínimo mensal do governo nesses quatro meses. “Depois das chuvas, de fevereiro a abril, a água começa a ficar cristalina e é difícil pra gente”, conta David Turiba. Em seguida vem o inverno, e de junho a agosto o peixe pouco se movimenta, pois gosta das águas mais quentes. Além disso, quando há vento, o peixe some. “Essa vida é sofrida, moço, mas a gente vai se defendendo. Na época da piracema, por exemplo, eu planto milho, abóbora. Se a pessoa souber trabalhar direitinho, dá pra viver mais ou menos”, diz ele.





A PESCA EM  
PIRAPORA

*Pesca de corredeira em Pirapora.*

**E**m Pirapora ocorre uma das modalidades mais tradicionais no São Francisco, a pesca de corredeira. A região é uma fonte constante de conflitos, pois esse tipo de pesca é proibido, já que o peixe vem subindo o rio desde a barragem de Sobradinho, na Bahia, e pára ali para descansar, onde vira presa fácil.

Pirapora viveu seus anos dourados na época das embarcações a vapor, a partir dos anos 20. Hoje, com a dificuldade de navegação no rio, esses barcos não circulam mais – apenas o Benjamim Guimarães faz passeios turísticos. A proibição da pesca é mais um agravante na relação dos moradores da cidade com o São Francisco. A poluição das grandes indústrias na beira do rio é visível e, à medida que se navega a partir dali, a condição de vida dos pescadores torna-se mais difícil.

O assoreamento do rio em vários trechos é nítido e alguns bancos de areia estão formados no leito. “A indústria carvoeira está destruindo os buritis e toda a vegetação das

vertentes. Desde Três Marias as empresas despejam materiais tóxicos no fundo do rio. O primeiro a morrer é o surubim, que vive exatamente ali. Já cruzei esse trecho todo a remo, pescava quase 30 dourados por dia. Hoje eu vejo esse rio morrendo devagar”, observa Clodovel dos Santos, o Coló, 82 anos, da Ilha das Pimentas.

“Eu não queria que meu filho seguisse essa profissão, porque a vida no rio é boa, mas muito difícil também”. As palavras de Conceição, na Barra do Guaicuí – a primeira parada depois de Pirapora – valem para todos os pescadores ouvidos, de Três Marias a Januária. A maioria dos ribeirinhos é filho e neto de pescador. Vários de seus filhos, a maioria já criados, estão empregados nas cidades próximas. Eles têm consciência de que, com a devastação lenta e progressiva do São Francisco, o futuro dos filhos deve estar longe das águas.



A tradicional pesca no barco a remo ainda é vista em vários trechos do rio.

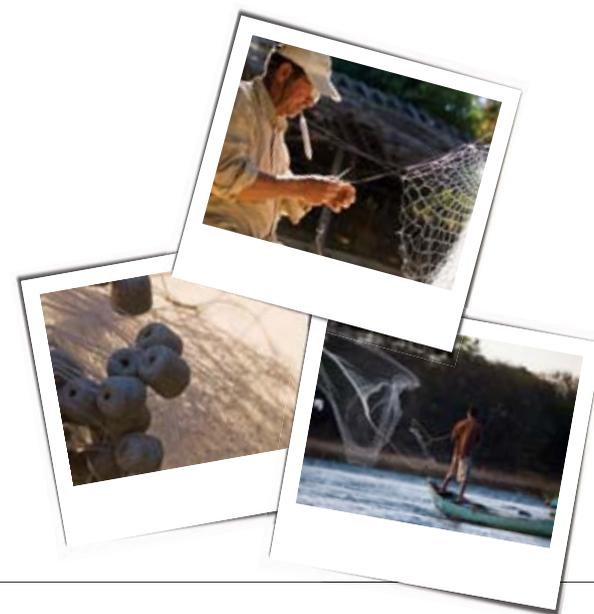


## LEGISLAÇÃO

Uma série de leis, normas, decretos e portarias impõe regras e restrições às atividades da pesca profissional no Brasil, em âmbito nacional e na Bacia do São Francisco.

É proibido pescar a menos de 300 metros a montante e a jusante das barragens e dos reservatórios das usinas hidrelétricas. Na piracema, essa distância é ampliada para 1.500 metros de distância dos reservatórios.

Como ocorre nas corredeiras, é vedada a pesca também a menos de 200 metros de cachoeiras e encontro de rios (na piracema, a distância também passa a ser de 1.500 metros). A lei também impede a pesca nas lagoas marginais.



*No fim da tarde, em Januária, é hora de observar se a maré está boa pra peixe.*

É proibida a pesca e o transporte de espécies ameaçadas de extinção ou que tenham tamanho inferior ao permitido. Também é proibido transportar ou reter peixes sem couro nem escamas ou totalmente seccionados, já que isso impossibilitaria a identificação da espécie ou do tamanho dos exemplares.

A extensão das áreas de segurança próximas às barragens é um tema polêmico entre os pescadores. Segundo Norberto dos Santos, o argumento de garantir a segurança na área não condiz com a realidade. “Se as áreas próximas à usina forem cercadas, não terá problema, ninguém chegará perto. Além disso, pescador não é bobo. Na região do vertedouro, é só tocar a sirene que ele sai logo”, garante.

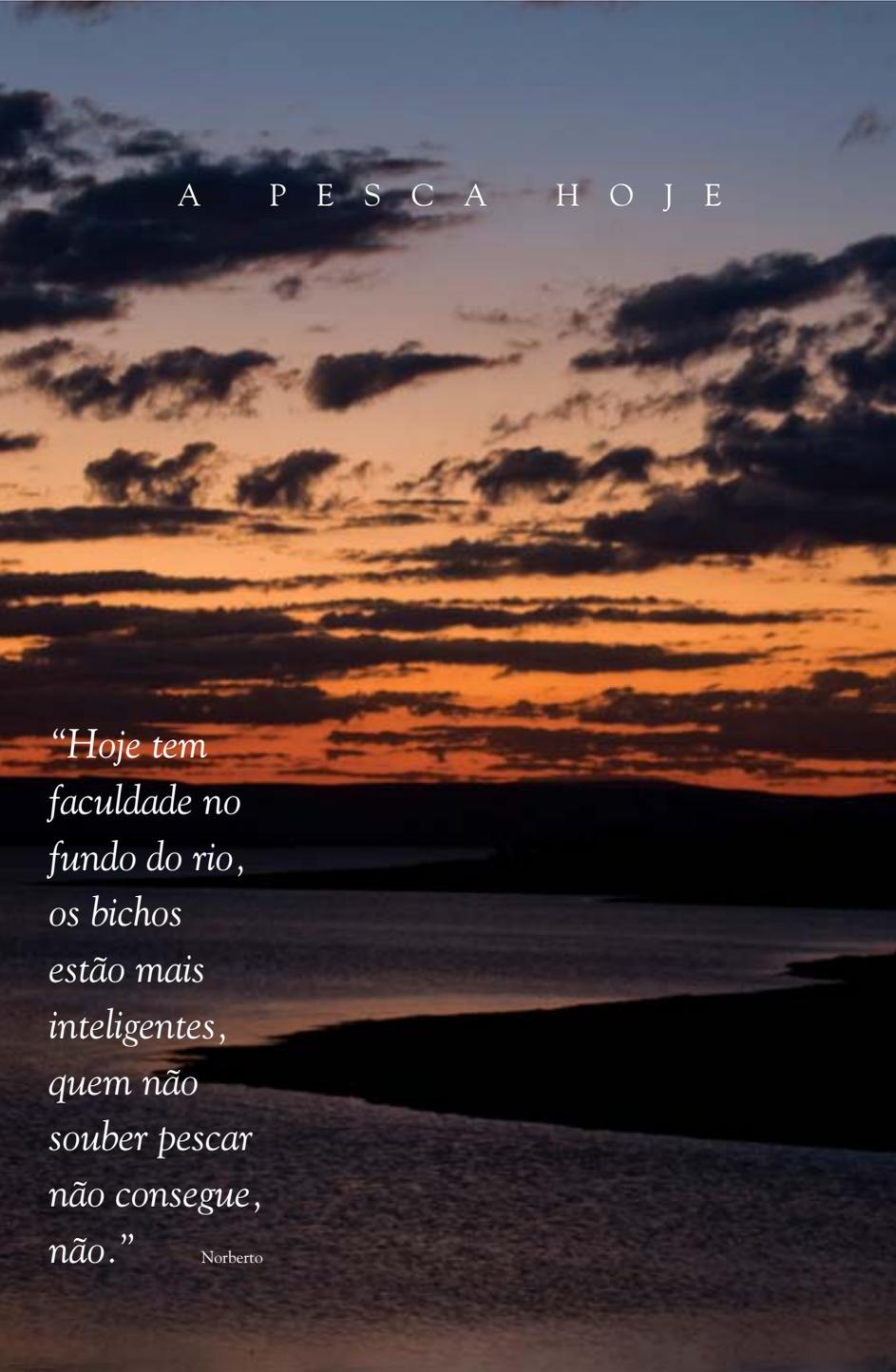
*“Uma vez eu pescava com meu pai, no remo, noite escura, tava formando uma chuva... Aí eu vejo um barco com dois caboclos vindo de lá numa velocidade que ninguém dizia, no remo. Eu perguntei pro meu pai: ‘ih, e esse aí?’, ele só respondeu: ‘cala a boca, menino’. Depois eu vim saber, era coisa de assombração.”*

David Turiba, Ilha do Sucesso



O pescador e seu inseparável companheiro, na saída noturna.





## A PESCA HOJE

*“Hoje tem  
faculdade no  
fundo do rio,  
os bichos  
estão mais  
inteligentes,  
quem não  
souber pescar  
não consegue,  
não.”*

Norberto

**H**ouve um tempo em que se pegava peixe aos cardumes no Velho Chico. Mas era época em que “se amarrava cachorro com lingüiça”, como diz o ditado. “O bicho mais besta de pegar na água suja é o surubim. Quando vem a época da chuva, você prepara a pinda (anzol de galho), põe um piau ou uma curimbinha na isca, é tiro e queda. Mas o peixe em geral está muito sabido, ele vê uma rede, encosta e volta”, diz Jorge Nérís, na Barreira do Cigano. Da casa dele, no alto da encosta, é possível apreciar um dos visuais mais bonitos do São Francisco.

A sabedoria do peixe está na boca de todos os pescadores.

Em Três Marias, Norberto não deixa por menos: “Hoje tem faculdade no fundo do rio, os bichos estão mais inteligentes, quem não souber pescar não consegue, não”.

*“O sujeito foi pescar e levou uma garrafa de pinga. Ele ouviu um barulho no mato, era uma rã sendo engolida por uma cobra. Ele jogou pinga na boca da cobra, que soltou a rã. O pescador usou a rã como isca, pescou um surubim enorme e pensou: ‘ah se eu tivesse mais rã pra usar de isca!’ Logo sentiu uns tapinhas nas costas, era o rabo da cobra. Ela trouxe mais três rãs, pra trocar por cachaça.”*

Norberto, Três Marias

Para Jorge, pescador há 25 anos, ainda tem muito peixe no rio. Ele pesca cerca de 100 kg por semana, na rede e no anzol. Seu comprador revende o pescado em Pirapora. Jorge vai para o rio três vezes por dia, mas gosta também de pescar à noite com sua mulher Maria Wilza, a Zinha, que também entende de peixe. “Gosto de pegar peixe, de tratar e de comer”, diz ela, sorrindo. Ela demonstrou isso na prática, pois preparou um almoço delicioso – tratou um dourado recém-pescado, que foi frito na hora, e, acompanhado de arroz, feijão, farinha e tomates, satisfez os presentes.

Todo pescador profissional tem seu número de registro, que fica impresso em placas de metal fixadas junto às bóias que sustentam as redes. Solidários, os pescadores respeitam o material dos companheiros. “Hoje aumentou bastante a quantidade de pescadores, mas ninguém mexe na rede do outro, a gente se conhece”, diz David, na represa de Três Marias.

No rio os ribeirinhos têm de conviver com turistas e pescadores amadores. Alguns são educados, outros nem tanto.

“É meio difícil você confiar no homem hoje. Outro dia dois dourados beliscaram minha corda e dois sujeitos queriam levar. Isso aqui é a minha sobrevivência, mas eles não olham o lado da gente”, conta Dimas.

Zezinho, pescador de Ibiaí, tem 40 anos de carteira e define em uma frase o estado de alerta do pescador com essa falta de respeito: “O que nós temos de cabelo aqui no seco, nós temos de olho dentro d’água”. Ele diz que o pescador mais velho tem até vergonha dessa deslealdade dentro do rio. “A gente só quer o que Deus deu. Mas há companheiros que se respeitam. E aqui dentro também fazemos muitas amizades com gente de fora”.



Ele pesca desde os 12 anos e já viu tempos melhores no rio, mas diz que não mudou muita coisa. “O que mais atrapalha é o excesso de normas. O IEF já disse várias vezes que o que a gente faz não é trabalho, não, apesar de a categoria ser reconhecida pelo Ministério do Trabalho e da Constituição de Justiça, Renda e Emprego, além de ser normatizada pela CBO – Classificação Brasileira de Ocupações”. Outros pescadores, como Dimas, David Turiba e Jorge, também criticaram o abuso da autoridade dos fiscais.

Marcelo Coutinho, do IEF, diz que o órgão está desenvolvendo, em conjunto com a ONG canadense World Fisheries Trust, um trabalho “para que haja maior conscientização dos fiscais e também dos pescadores”. “O pescador é hoje o maior guardião comunitário do Rio São Francisco. Se tem poluição, se estão matando peixe, é ele quem denuncia. Ele é o maior guardião da qualidade ambiental do rio. Isso é o que mais incomoda a fiscalização”, destaca Pedro Melo.

*“Por volta de 1984, pesquei um surubim que pesava 74 quilos.”*

Dimas, Carlito Pereira

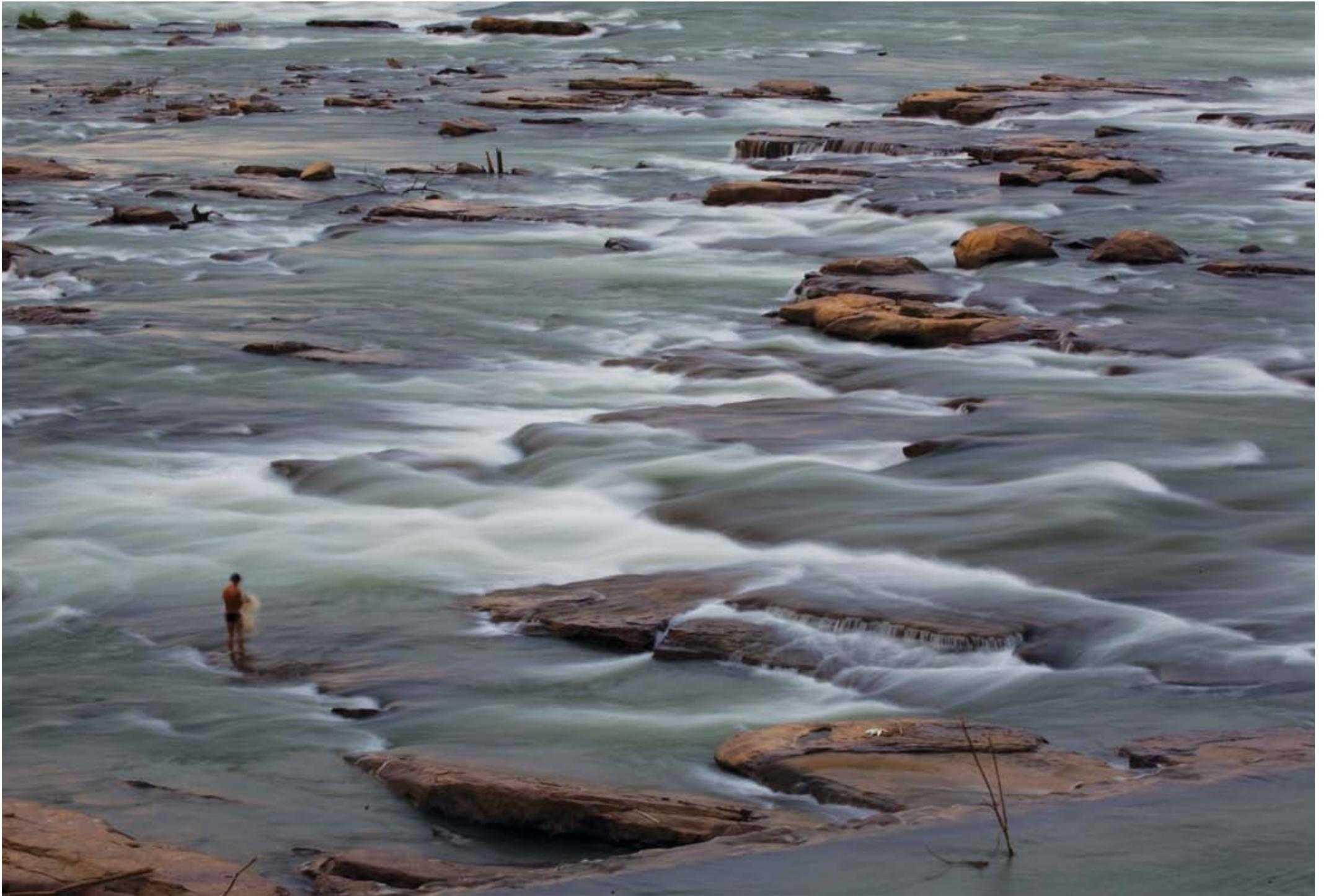


Dourado na Barra do Urucuiá

Os barcos a remo, mais comuns no rio a partir de Pirapora, já foram a única opção de transporte desses pescadores guerreiros, que sustentaram famílias numerosas com o pescado do rio e que até hoje estão na ativa. “Eu batia quase 10 km de barco, no remo. Pescava e trabalhava na roça, no mesmo dia. Chegava na roça de barco, subia o barranco, jogava o peixe na moita, pegava a enxada, a marmitta e ia pro cerrado. No meio da tarde a gente largava a roça, colocava o peixe no barco e remava mais 10 quilômetros, só que rio acima. Isso todo dia, durante 12 anos”, diz. Segundo ele, os tempos são outros, mas dá para viver de pesca. “Mas tem que trabalhar e ter cabeça. Quem preserva, amanhã tem”.

*“Eu era rapaz e gostava muito de bola. Tinha um campo de várzea longe de casa. A gente ia pro treino e depois pro córrego tomar banho. Minha mãe falava ‘você ainda vai ver coisa nessas estradas’... Um dia, atravessei o córrego e ouvi um barulho dessas latas grandes caindo, olhei e não vi nada. Peguei a estrada, desabou um temporal, eu comecei a correr e ouvia tanta corrente atrás de mim, que não se escutava outra coisa, não. Corri muito, subi numa árvore e aí tudo quietou. Desci, vim andando, quando cheguei perto da cancela o pau quebrou de novo, as correntes voltaram com tudo, cheguei em casa na carreira, molhado de suor e de chuva, e minha mãe riu até, dizendo ‘eu falei...’*





## O R I O P A R A C A T U

No Rio Paracatu, um dos principais afluentes do Velho Chico, a falta de controle da pesca aborrece Enivaldo Gomes de Moura, o Du, de 37 anos. Nascido e criado na beira do rio, em São Romão, ele lida com a pesca desde os tempos de menino, quando pilotava o barco para o seu avô. Du conta que há peixes em boa quantidade na sua região. Para ele, o problema é outro. “Quando comecei não existia essa pesca predatória. Amadores e profissionais aqui não respeitam os peixes pequenos”, afirma.

Na região do Paracatu ele estima a presença de mil pescadores. Mas, desse total, só 30 vivem da pesca. “Muita gente tem a carteira profissional, mas trabalha em fazenda, ou então é motorista da prefeitura. Esses fazem um empréstimo no banco, pegam um financiamento e compram uma rede malha 10 ou 12, para pegar douradinhos fora de medida”, denuncia.

Du diz que o pescador artesanal não tem recursos para concorrer com o pescador amador. “Não temos condições de

pegar o que eles pegam, porque temos que pescar muito para comprarmos uma rede que custa R\$ 300,00”, diz ele, que pesca com anzol, pinda e tarrafa.

Ele procura pescar 300 quilos por mês, em média, independente da época do ano. “Para sobreviver eu pego uma média de 10 quilos por dia. Mas no meu congelador você pode olhar, não tem um peixe fora de medida. Porque não é só pra mim que eles podem fazer falta. Se os peixes acabassem hoje, eu poderia arrumar outro trabalho, mas as gerações que vêm aí podem sofrer com a falta de peixe no rio”, afirma.





## A FORÇA DO RIO

*“Moro aqui há 30 anos e vejo que o São Francisco hoje está muito judiado, cheio de areia. Desse jeito o futuro da pesca está difícil. Mas o rio ainda resiste, porque é muito forte.”*

Carlinhos, Barreira dos Índios

**D**escendo o rio a caminho de Januária, o panorama já é bem diferente. Vemos muitos pescadores em canoas e barcos a remo, e a vegetação das encostas já está bastante devastada. As dificuldades de navegação aumentam até mesmo para as pequenas embarcações, como a nossa, que encalhou quatro vezes no rio, durante a noite. À medida que se desce o rio, em direção ao norte de Minas, os equipamentos de trabalho do pescador são mais simples. O peixe, que já é pouco, demanda mais esforço para ser pescado nos barcos a remo, e o preço pago pelos revendedores é cada vez menor. Encontramos uma canoa com três pescadores na Barreira dos Índios, um paredão de falésias indicado por Manoel Surubim como uma das belezas naturais da região. Perguntados sobre as condições do rio, os pescadores falaram das dificuldades, mas também da força do rio.

Os mantimentos para a pesca custam dinheiro, a concorrência aumentou, o volume de areia no leito do rio nunca foi tão grande. Mas o amor pelo São Francisco é maior do

que todos os problemas que o homem enfrenta na batalha do dia-a-dia. Na Barra do Rio Urucuia, já estamos próximos da cidade de São Francisco. Ali mora Manoel Surubim, apaixonado pelo rio, que reconhece tudo isso, mas tem esperança de que o Velho Chico possa ser revitalizado.

“Se tivesse um jeito de recuperar esse rio, para mim seria uma alegria imensa. O amor que eu tenho pelo Rio Chico, só eu que sei. A minha vida foi ele quem me deu. Todo mundo que mora na beira do Rio São Francisco é feliz”, diz ele.

Manoel diz que todo dia reza, pedindo a Deus para que o Velho Chico não seque. “Tenho muita fé, e sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, protetora dos pescadores”.

A devoção a Deus é comum aos pescadores do rio, que já enfrentaram momentos difíceis dentro d’água, entre tempestades e animais ferozes. “Na hora do aperto o pescador chama por todos os santos, algum deles vai nos ajudar na hora em que precisamos”, acredita Du.



*Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos pescadores.*

“Sou devoto de São Francisco de Assis, que está comigo toda vez que vou para o rio”, conta Zezinho. “Fico sozinha aqui, mas acompanhada de Deus e Nossa Senhora Aparecida, meus protetores”, diz dona Antônia.



Certa vez, dentro do Rio Urucuia, Manoel diz que sua fé o protegeu de virar comida de onça. Ele pescava com os amigos, que foram buscar leite em uma fazenda próxima e o deixaram só, lavando os pratos. “Fiquei fazendo o almoço, na beira do cascalho, ouvindo um radinho. De repente olho para a outra margem e vejo um cachorro preto. O rio é estreito, continuei lavando as vasilhas, não vi mais o bicho. Diminuí o som do rádio e, quando olhei para o lado, vejo uma grande onça preta saindo do rio. De dentro d’água ela pulou para a

margem, no cascalho, e eu comecei a gritar, ‘onça, onça!’, ela estava a uns 20 metros de mim, me olhava e rosnava, mas foi saindo de fininho e entrou no meio do mato. Rapaz, quase que eu me borro nas calças!”

O pescador conhece as manhas do tempo, mas as tempestades costumam surpreender o homem do rio. Certa vez, em 1983, um barco afundou com Manoel em Itacarambi, próximo a Manga. “O vento era forte, a lancha foi batendo no barranco e me mandou para a água, minha sorte é que eu sei nadar. Perdemos tudo, dinheiro, pescado, mantimentos. Fiquei de cueca na beira do rio. Durante 21 dias procuramos a lancha e nunca mais vimos. Barco a remo também cansou de tombar comigo. E eu sempre repeti o ditado ‘você, que levou minhas coisas, vai me dar outras’. Porque a vida é assim, a gente perde aqui e ganha ali”.

*“Eu peguei um surubim com 120 quilos, tem fotografia aí, tudo eu tiro fotografia.”*

## O S I L Ê N C I O

O rio se agita, mas silencia também. Os pescadores dizem que, em determinado momento, o rio dorme por dois ou três minutos. As águas se aquietam, as cachoeiras deixam de cair, os peixes se deitam no fundo do rio, as cobras perdem seu veneno e todas as criaturas descansam.

“Moço, o rio dorme, é sem hora, pode ser de tarde, à noite ou nas manhãs. É quando as águas aquietam. Se cai uma folha na superfície nem afunda, fica ali quieta. Até as corredeiras ficam vertendo águas mansas. E aí não é hora de ficar falando alto, jogar tarrafa, lavar roupa ou arreliar nas beiras do rio... é procurar sossego, que o rio está dormindo.”



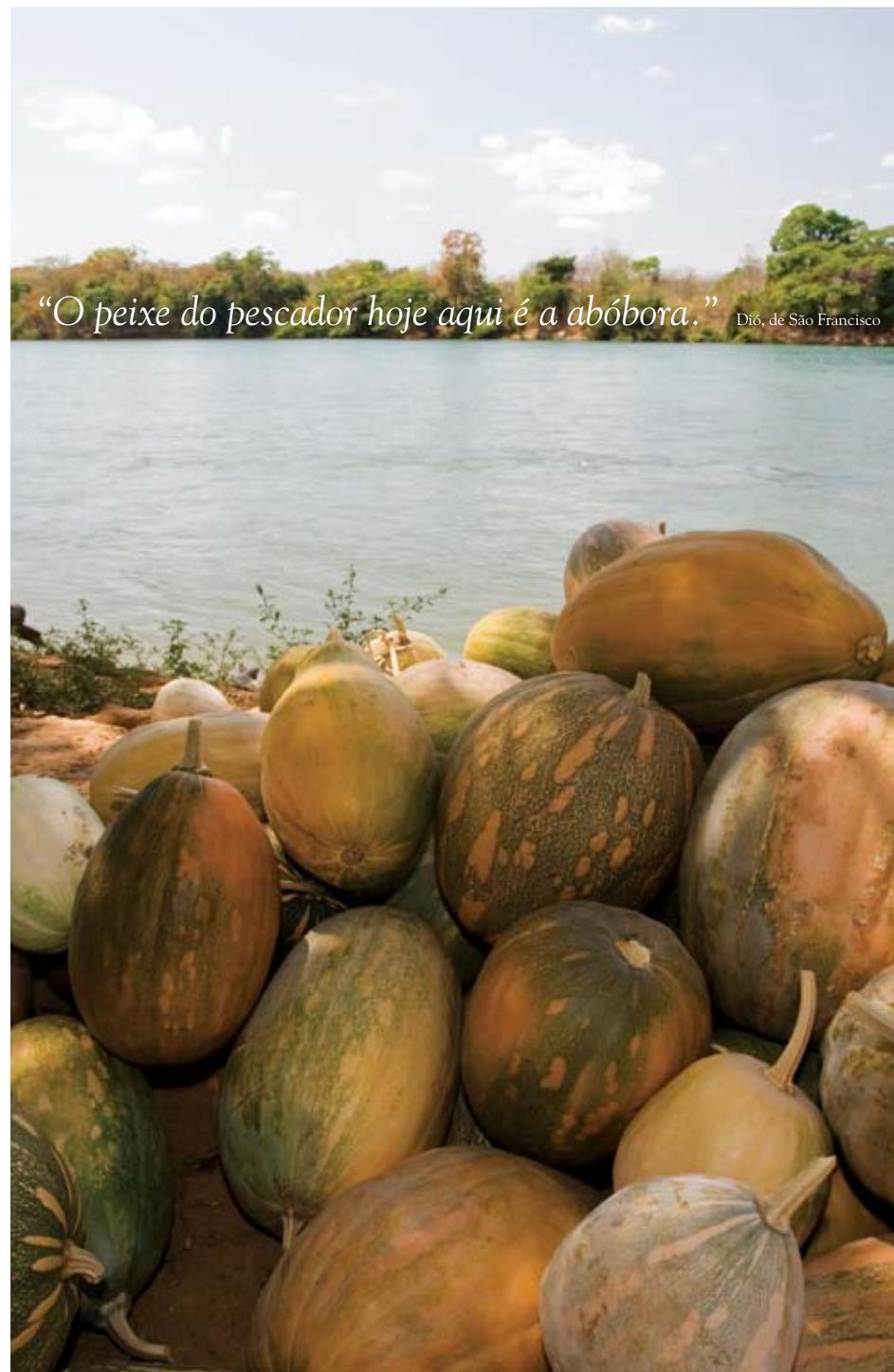
## A D U R E Z A D A L I D A

Manoel Surubim conta que o peixe está difícil na região. “Vejo que a pesca aqui está muito ruim. Hoje, eu tenho minha pousada, alugo barco, porque pra viver do rio está difícil, o peixe já foi muito farto, mas está acabando”.

Em São Francisco, o que o pescador ao longo do rio faz durante a piracema – plantar verduras e legumes – é normal por todo o ano. Como a pesca está ruim, os 820 pescadores registrados com carteira na cidade complementam a renda na roça, cultivando feijão, abóbora, milho e melancia ou então criando porcos e galinhas. Nos últimos anos, os pescadores têm investido mais no plantio do que na pesca.

*“Aqui dificilmente a gente vê cobra, mas um camarada tava contando que pegou uma cobra grande demais, tão grande que devia ter uns 30 metros de comprimento. Todo mundo arregalou os olhos, porque a gente sabe que a sucuri, por exemplo, é enorme, mas não dá esse tamanho todo. O sujeito exagerou um pouco. Ao lado dele um outro falou: ‘pior fui eu, que pesquei uma lamparina acesa’. Aí derrubou o cara da cobra, né?”*

Luciano Oliveira, Três Marias







*Pôr-do-sol em Pedras de Maria da Cruz*

**D**ionísio Pedro de Castro, o Dió, está com 82 anos e tem muita história para contar, dos tempos em que pegava “80 piranhas por vez” e quando as moças não gostavam de pescador, “porque fedia a peixe”. Mas hoje ele vê com tristeza a situação da pesca em sua cidade. “Hoje mudou tudo, tem mais rede do que peixe. E o pescador é teimoso de continuar nessa vida, porque hoje a pesca não dá pra nada”, conclui. Dió vê novos pescadores indo para o rio, mas se pudesse dava um conselho a todos eles. “Deviam caçar um trabalho longe do rio, botar a trouxa na cabeça e cair fora”, diz.

Para Dió, hoje o peixe está mais inteligente que o pescador. “Pescaria é como tudo na vida, não é todo dia que é bom. Mas hoje tem mais dia ruim do que bom, esse é o problema”. A ganância do homem destrói o rio, que só não acaba porque, segundo ele, existe uma força maior. “Cada um tira um pedacinho do rio, mas ele não morre, porque foi Deus quem fez. O São Francisco tem muita força, mas quem fez tem ainda mais”.

## O I N V E S T I M E N T O

Metade dos pescadores usam motor de rabeta (um motor de motosserra adaptado), o restante pesca em barco a remo. José Rodrigues Queiroz, o Zé Pincel, de São Francisco, admite que a pesca com o barco a motor facilitou muito a vida, mas lamenta a perda de uma cultura tradicional. “Perde-se um pouco daquela identidade do pescador de canoa, a remo, que faz parte do imaginário das pessoas”.

Pescador há 35 anos, Zé Pincel pescou muito a remo e lembra dos tempos em que se saía para pescar sem qualquer previsão de retorno. “A gente ficava um, até dois meses no rio. Se estava bom a gente ficava, senão íamos arrumar outra coisa pra fazer”, conta.

Ele hoje constrói barcos com madeira de cedro e tamboril. Fabrica até cinco unidades por mês, a um preço que oscila entre R\$ 700,00 e R\$ 800,00. Se o pescador entregar o material e quiser contratar só a mão-de-obra, o valor cai para R\$ 150,00. “Já fiz 382 barcos nesses 14 anos”, diz ele. O barco fica pronto em três dias, e a pintura é por conta do proprietário.



Construção de barco em Januária, no norte do Estado.

*“O maior peixe daqui quem pescou foi eu, um surubim de 124 quilos, com anzol de espera. No mês passado eu peguei um de 46 quilos.”*

Moranga, Pirapora

*“Ô Moranga, quantas mentiras você já contou hoje?”*

Pescador, durante a conversa de Moranga, na beira do Rio São Francisco



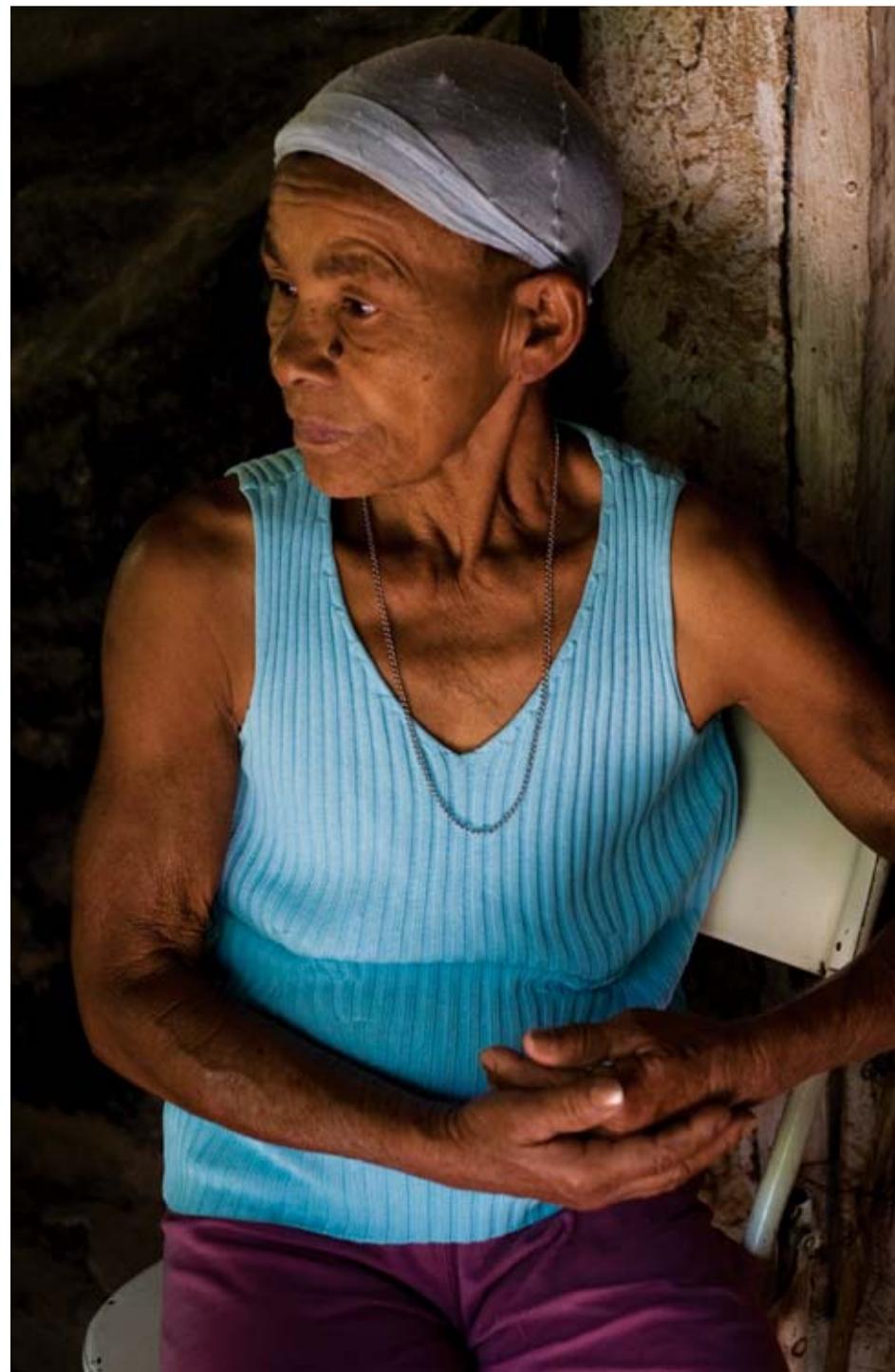
Outro construtor de barcos é Policarpo dos Santos, o Pulu, de Januária. Ele faz as embarcações com castanheira, e atualmente a produção é de cerca de três barcos por mês. “Dá pra tirar uns R\$ 200,00 em cada um. Mas a pesca ainda é o meu maior investimento”, conta. Ele diz que tem muita gente reclamando porque o peixe diminuiu muito, mas a vida do pescador ainda é boa. “Sabendo controlar, dá pra viver. E a liberdade de trabalhar por conta própria não tem preço”, define. Ele pesca com rede de caçea, de 30 a 40 quilos por semana, quase sempre peixe de segunda. “O surubim sumiu, quando aparece é pequeno. Tem dia que vamos para o rio e voltamos com as redes vazias”, conta o pescador.



## A M U L H E R E O R I O

Dona Olegária Nunes da Rocha, de Januária, 67 anos, é mulher de pescador e sabe bem o que é ver o marido, Agostinho, 69 anos, chegar do rio com as mãos vazias. Dos seus 11 filhos, Edgilson, o Breu, e mais dois filhos escolheram a profissão do rio. “Meu marido ensinou o ofício a todos eles, pois o pai dele também era pescador, ele aprendeu a lidar com o peixe ainda na barriga da mãe”, brinca. Ela conta que a fé em Deus ajuda a colocar comida na mesa todos os dias. “Tem dias que Breu e meu marido vão para o rio e passam até três dias sem pegar nada. Mas a gente faz uma mistura aqui e garante a comida”.

Ela lembra dos tempos em que o peixe era farto e ela saía para pescar com o companheiro. “A gente pegava o barco à noite, dormia na praia e chegava pela manhã, com o saco cheio de peixe”. Hoje, ela vê o rio com outros olhos. “O São Francisco está de fazer dó. Mas eu me apego em Deus, pois só ele é quem tem pra nos dar”.





*“Estou com 48 anos, nunca fiz uma consulta, nunca tomei um comprimido. Só sei que o meu sangue é vermelho porque, quando eu me corto, ele sai.”*

Jorge Néris, Barra do Cigano



## D I C A S D E P E S C A D O R P A R A A S A Ú D E

- A corvina tem duas pedras na cabeça. Retirar, torrar e, com o pó, beber água ou chá. É bom para extrair pedras dos rins.
- O pirá e o matrinxã são conhecidos como “remeros”, ou seja, podem causar determinadas alergias em, por exemplo, mulheres na TPM.
- Mulher que deu à luz não pode comer pirá, piranha ou dourado.
- O mandi solta um ferrão quando morde. Para curar a dor, sem inflamação, pegar o olho do peixe e, após retirar o ferrão, esfregar no local, passando também a “baba” que envolve o olho.
- É uma tradição entre muitos pescadores o uso de uma pulseira de borracha no tornozelo, para evitar câimbras. Muitos juram que funciona. Da mesma forma, é comum também o uso de um colar que, segundo eles, protege contra dores na coluna.
- O pirá é bom pra curar sífilis. Deixa cozinhar, tira o caldo e não põe sal nem tempero nenhum; deve-se beber o caldo.
- Para se ter uma memória boa, o melhor é comer cabeça de dourado e de surubim. Você vai longe.

### AS PROPRIEDADES DO PIRÁ

*“Eu como peixe todo dia, gosto demais. Eu não gosto de pirá, mas dizem que é afrodisíaco, melhor que piranha. Tinha um japonês que vinha aqui e implicava com o pirá: ‘não quero comprar esse, não gosto desse peixe de couro’ e tal. Eu falava pra ele: ‘se o senhor soubesse pra que ele é bom, todo dia o senhor tava buscando pirá aqui, na idade que o senhor está... principalmente se o senhor fizer um molho da cabeça.’ Ele levou e depois voltou dizendo ‘cê sabe que o trem é bão mesmo, sô, tem mais desse aí?’”*

R E C E I T A   D E  
B A R R A N Q U E I R O

“Eu como peixe todo dia. Gosto de pegar uma curimatã de quatro ou cinco quilos, ponho sal e deixo dois dias no sol e um no sereno. Eu posso fazer com batata-doce ou abóbora. Leva sal, alho, tomate, cebola. Eu corto as postas de batata-doce e faço com azeite de oliva. Vou colocando o azeite no peixe. (Uns chamam de moqueca, mas o peixe de espinho tem que ser ensopado, porque a moqueca mesmo tem que ser com pacamã ou surubim.) Acompanha um arroz branco, um pirãozinho, um limãozinho. Pimenta a gosto.”

Manoel Surubim



*Dourado sendo preparado para o almoço, na Barra do Cigano.*



*Peixe defumado em Três Marias.*

## GRUPO ARTESANAL DE PEIXE DEFUMADO

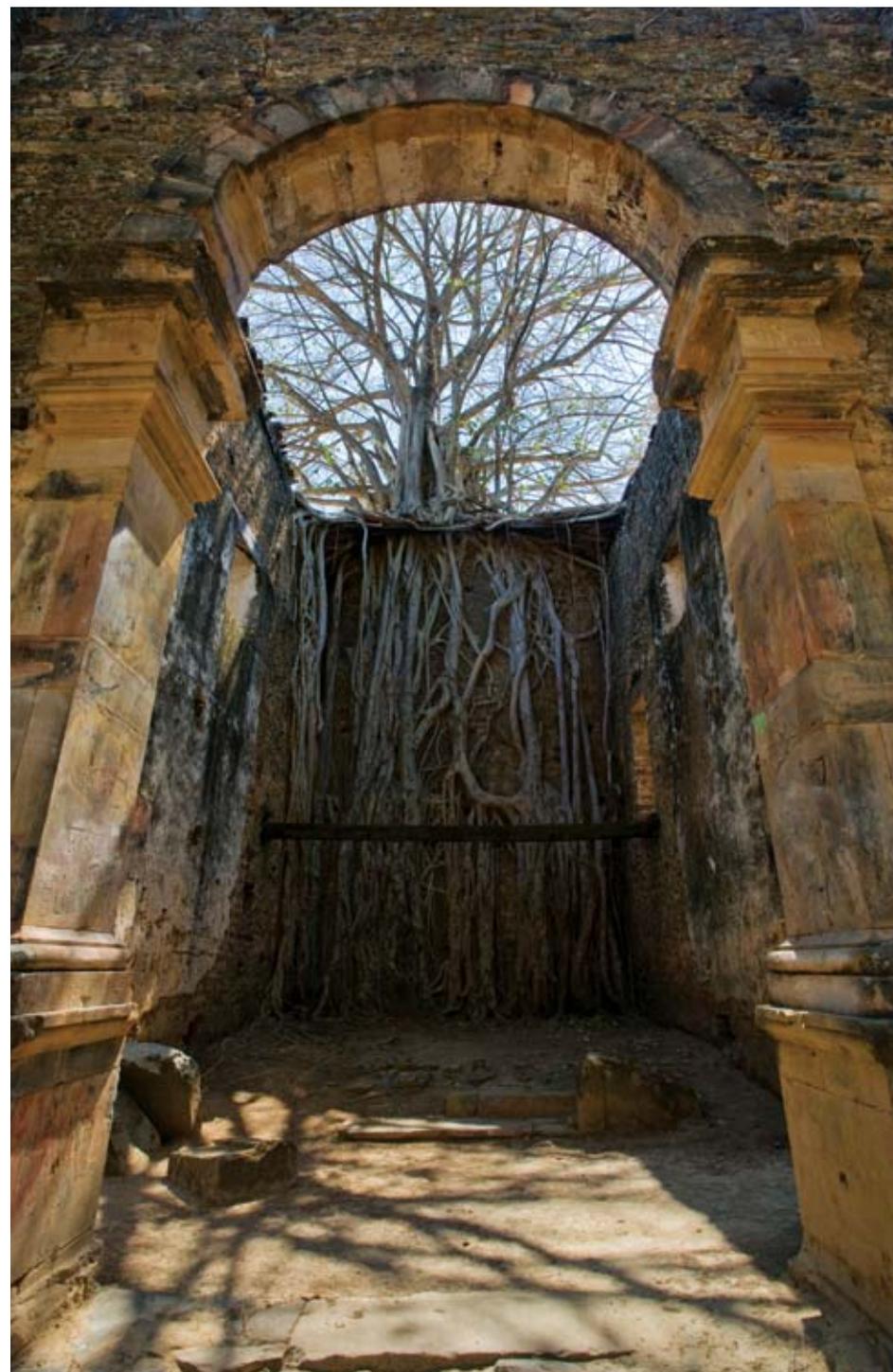
Dez mulheres de pescadores desenvolvem um trabalho diferenciado em Três Marias, que, além de agregar maior valor ao pescado, é também geração de trabalho e de renda familiar. Elas fazem desossa, defumação e bolinhos de peixe para comercialização em restaurantes e hotéis da cidade. Os peixes, comprados dos pescadores, são embalados a vácuo e também são oferecidos aos turistas. A casa onde trabalham é adaptada para a atividade e conta com um grande defumador comunitário. “Já defumamos o tucunaré, dourado, traíra, pacu e curimatã. Estamos começando, mas já vendemos cerca de 50 kg de peixe desossado por semana”, diz Sandra de Souza, a dona Santinha.



## I G R E J A   D E   P E D R A S   - B A R R A   D O   G U A I C U Í

Para quem desce o São Francisco depois de Pirapora, a Barra do Guaicuí guarda uma preciosidade: as ruínas da Igreja de Pedras, que já foi um local onde se celebravam missas. Em 1660 iniciaram-se, com os jesuítas, as obras da Igreja Senhor Bom Jesus do Matozinhos, atual Igreja de Pedras. Em 1679, com a chegada dos bandeirantes, os jesuítas fugiram para Porteiras, uma região mais alta de onde eles poderiam observar a movimentação dos bandeirantes. A Igreja de Pedras nunca foi concluída devido à fuga dos jesuítas.

O que mais chama a atenção é a enorme gameleira que nasceu há mais de 30 anos sobre as paredes, que têm mais de 9 metros. As grandes pedras cuidadosamente assentadas lembram as ruínas das missões jesuítas no sul do Brasil.





## D O U R A D O , O R E I D O R I O

Um dos peixes mais belos e apreciados do Brasil, tem coloração amarelo-laranja e é uma das espécies mais cobiçadas pelo pescador artesanal. Possui o corpo coberto de escamas prateadas, com pequenas manchas escuras. É o maior peixe de escama do São Francisco. Peixe de piracema, reproduz-se em geral de novembro a janeiro. De acordo com alguns pescadores, quando cai na rede de espera ele acaba “morrendo de raiva”, tanta é a força que faz para escapar da malha. Quando pescado no anzol, também não se entrega fácil.

## C U R I M A T Ã , O P R E F E R I D O

O dourado é o rei do rio, o surubim é o mais valorizado, mas o peixe predileto na mesa do pescador é o curimatã (curimatá ou curimba), uma espécie bastante encontrada na Bacia do São Francisco. É um peixe de piracema e costuma subir o rio na época da reprodução, de novembro a janeiro. Seus ovos, larvas, alevinos e adultos são importantes alimen-

tos de muitas espécies de predadores. Seu peso pode atingir até 15 quilos no rio, mas na represa já foram encontradas espécies com até 22 quilos. As fêmeas têm maior porte que os machos. Não são peixes fáceis de capturar, porque pegam a isca de leve. Tanto o dourado quanto o curimatã podem atingir 1,4 metro.

## S U R U B I M : R E G I M E F O R Ç A D O

Peixe mais valorizado do rio, o surubim é o que mais desova. O peixe produz 2 mil ovos por grama. Atualmente, a maior dificuldade em produzir surubim em cativeiro é a falta de alimentação para as larvas, que consiste nos microorganismos das lagoas marginais. Como essas lagoas estão desaparecendo, a alimentação para o surubim é cada vez menor.



*“Bicho danado pra ter filho é o tal do pescador!”*

Moranga, de Pirapora



Norberto, 5 filhos / Antônia, 8 / David Turiba, 8

Moranga, 8 / Coló, 18 / Zezinho, 8 / Conceição, 8 / Jorge, 6

Manoel Surubim, 14 / Dió, 8 / Pulu, 9 / Geraldo Peixinho, 9

*“Sou pescador há quase 40 anos. Toda vida eu convivi no rio, graças a Deus. E não é porque dá dinheiro, não, é porque eu gosto, é o que eu sei fazer melhor.”*

Pedro Melo, Pirapora

*“Faço um pouco de tudo, vou pescar, faço faxina. Tenho que me virar, pois é como se diz: barco parado não ganha frete, né?”*

Maria Antônia Lima, Barra dos Pindaíbas



*“Minha mãe dizia: não saia da beira do São Francisco. Na beira do São Francisco você não morre de fome.”*

Norberto, Três Marias

*“A maioria de nós, pescadores mais antigos, não tem o estudo completo, mas a gente tem os ouvidos para escutar as coisas e perceber o que é certo e o que é errado.”*

David Alves da Silva, Três Marias



## O CAMINHO DO PEIXE

O peixe, que garante o sustento do pescador e de sua família, percorre um longo caminho subindo o São Francisco até alcançar a barragem de Três Marias. Além das lagoas marginais pelo caminho ou dos afluentes, ele vem da barragem de Sobradinho, na Bahia, só parando para descansar nas corredeiras de Pirapora. Ao chegar na barragem, sem meios para seguir subindo o rio, ele se dispersa e passa a circular pelo rio.

Quando chove e o rio enche, o peixe desce até os afluentes para desovar, onde encontra um ambiente adequado: uma água barrenta, onde os ovos se perdem, o que dificulta a vida do predador, que não os encontra para comer. Depois da desova, ele volta a subir o rio.

“O peixe só desce na época da desova, em novembro. Como a água que sai da represa é muito fria (23°), ele vai desovar no Pontal do Rio Abaeté, primeiro afluente do São Francisco depois da represa, onde encontra águas quentes,

ideais para a reprodução”, explica Norberto.

A vida de um dourado ou de um surubim, do dia que nasce até a fase adulta, não é fácil. O peixe desova para se alimentar. Quando ele adquire tamanho e já é útil para alimentação, é perseguido pelos pais, que querem devorá-lo. Sua alternativa então é encontrar as lagoas marginais e baías, para fugir dos predadores. “Um dourado de 10 quilos, por exemplo, come até 6 quilos de peixe por dia, dos quais 3 são da própria espécie”, conclui o pescador.

## A S L A G O A S M A R G I N A I S

Um dos problemas mais graves do São Francisco é a destruição das lagoas marginais, melhor lugar para a reprodução dos peixes. Segundo dados da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), na região de Iguatama (MG), em 1982, existiam cerca de 80 lagoas, sendo 28 permanentes. Atualmente, o total não chega a 20.



“O trecho que vai da nascente até Pirapora e inclui a barragem de Três Marias é o mais importante do vale. É o nascedouro e maior reduto de peixes do São Francisco, e a região que mais contribui com águas para o rio. Se isso não for preservado, nós vamos deixar pouca coisa para as gerações futuras”, diz Yoshimi Sato, doutor em Ecologia e Recursos Naturais, que acompanha a vida dos peixes da lagoa desde a inauguração da Estação de Hidrobiologia e Piscicultura de Três Marias, em 1977. “Temos que recuperar estes berçários naturais. As lavouras de cana e pastagens estão dominando a paisagem e acabando com as lagoas”, explica. Grande parte das lagoas marginais, localizadas em propriedades privadas, vêm sendo devastadas pelos proprietários, que costumam drenar sua água para uso próprio. Além disso, eles isolam totalmente a área, o que corta a ligação dessas lagoas com o Rio São Francisco.

Outro fator de desequilíbrio é a introdução de espécies exóticas no rio. Entre elas estão o tucunaré e o bagre-africano, predadores que não existiam na região e foram trazidos por pesque-pagues e, principalmente, por projetos do governo. Esses peixes se adaptaram bem na região e passaram a devorar filhotes e peixes nativos.



*O homem do rio avalia as condições do tempo antes de sair para o trabalho diário.*

## P E S C A D E R E L A

Proibida por lei, é feita com rede armada nas lagoas marginais para pescar tucunaré, duas vezes por ano, quando o peixe se dirige para esses berçários naturais. As lagoas em geral têm 10 metros de profundidade, e a rede, 2 metros. A tática do pescador é bater na água e esperar o tucunaré pular para cima e cair na rede – ao contrário dos outros peixes que, ao menor sinal de movimento, escondem-se nas árvores do fundo do rio. “Nas grotas e recantos formados pela barragem, 98% dos peixes são tucunarés. Apesar de proibida, sua prática está em estudo e pode ser liberada, pois esse peixe é um grande predador de outras espécies”, explica Norberto.

## M E R G U L H O P R O I B I D O

Um dos problemas enfrentados pelos pescadores artesanais no São Francisco é a concorrência da pesca de mergulho. Prática proibida por lei, esse tipo de pesca, muito comum de Três Marias até Pirapora, tem um alvo específico no fundo

do rio: o surubim, peixe que, quando pequeno, já tem dificuldades para se alimentar e na fase adulta é também o principal atingido pelos metais pesados despejados no rio. “O mergulhador acaba com o peixe, não respeita nada”, afirma Dimas. “O povo está mergulhando demais aqui, e o surubim está cada vez mais difícil de pescar”, acrescenta dona Antônia.

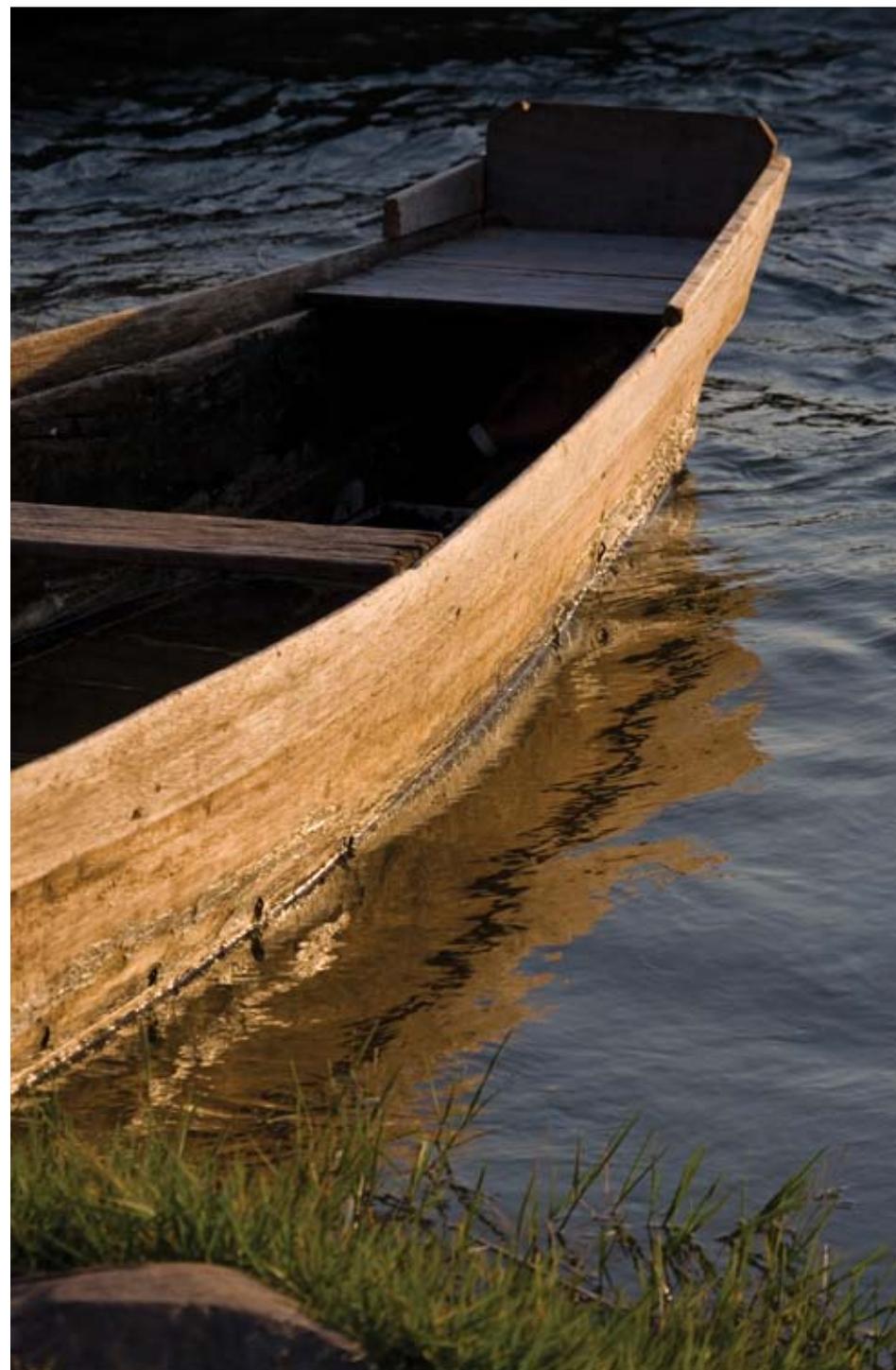
## T E M P O B O M

A chuva é a bênção dos céus para o pescador, pois inunda as lagoas marginais e repovoa o rio. Além disso, deixa a água turva e dificulta a vida do peixe, que não vê o anzol. Mas se a lua cheia é boa porque o peixe anda mais para comer, ao mesmo tempo atrapalha, pois torna o rio mais claro para quem está dentro dele e quer escapar da panela.

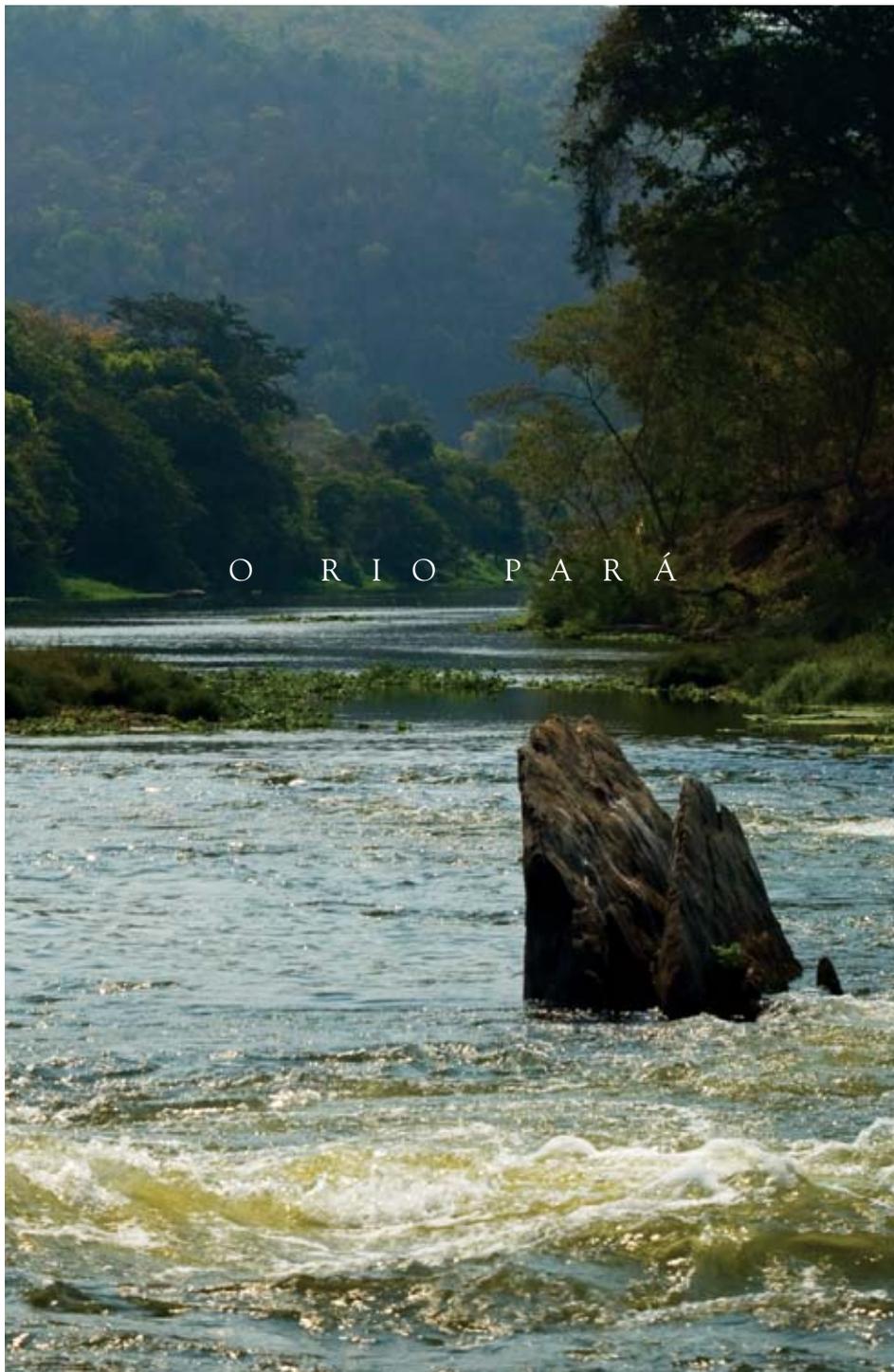


## BELEZAS NATURAIS

Grandes conhecedores da região do São Francisco, os pescadores apontaram vários lugares como preferidos para um passeio, pela beleza e exuberância natural. Ilha das Marias e Coco da Barragem, na represa; e, ao longo do rio, Cachoeira Grande, Barra do Rio de Janeiro, Buritizeiros, Barreira das Onças, Barreira do Cigano, Cachoeira do Teobaldo, Rio Paracatu, Barreira dos Índios, as cabeceiras dos afluentes e as veredas em geral.



*Barco descansa na beira do São Francisco, antes da próxima partida em busca dos peixes.*



O problema dos “falsos pescadores” relatado por Du no Rio Paracatu é também uma realidade no Rio Pará, um dos mais importantes afluentes da Bacia do São Francisco, com cerca de 300 quilômetros de extensão. Geraldo Fernandes, o popular “Geraldo Peixinho”, é casado e pai de 9 filhos. Mora em Pitangui, a 130 km de Belo Horizonte, e diz que na região existe muita gente registrada como pescador profissional para usufruir do salário mínimo, pago durante quatro meses na época da piracema.

“Tem pedreiro, marceneiro, carpinteiro. Mas pescador mesmo, são muito poucos”, conta. Segundo o presidente das Colônias de Pescadores do Estado de Minas Gerais, Raimundo Ferreira Marques, o que falta nesses casos é um rigoroso critério para a obtenção da carteira, e também ser obrigatório fazer o curso da Marinha. E vai além: “É necessária uma maior integração do governo com as colônias de pescadores artesanais”.

A pesca amadora é muito forte na região. “Eu só pesco durante a semana, porque aos sábados e domingos o rio fica coa-

lhado de turistas”, diz Geraldo, que pesca cerca de 30 quilos por semana, nas três saídas que faz.

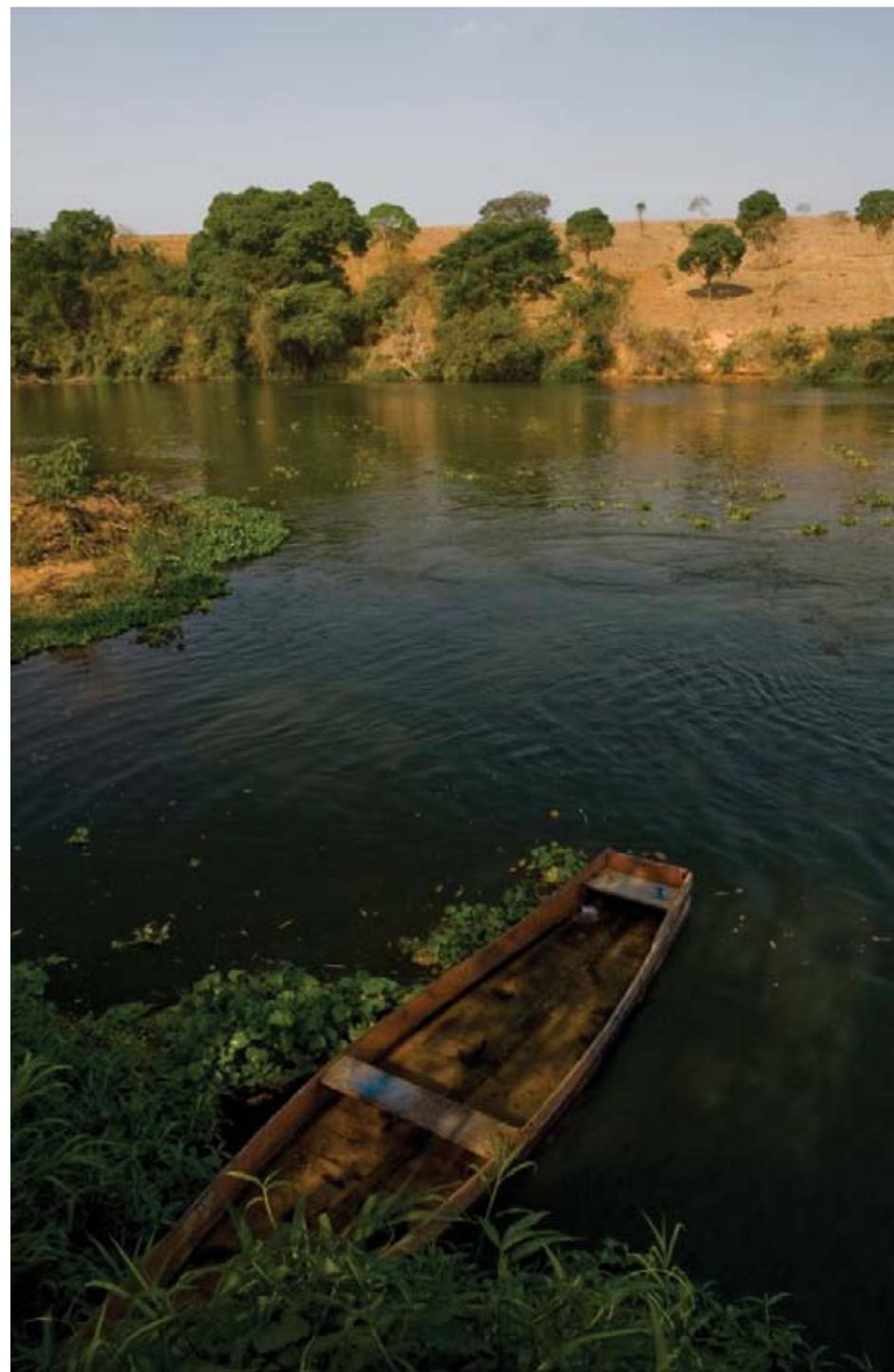
Ele diz que o pescador artesanal da região enfrenta muitos problemas, como a poluição no rio. “Os aguapés estão se multiplicando. Além disso, os turistas acampam nas margens e deixam o lixo, não têm nenhuma preocupação em preservar a natureza”, reclama. A falta de consciência do pescador amador também incomoda a quem se acostumou a respeitar as espécies. “Eles pegam peixe pequeno mesmo, mas a fiscalização aqui é rigorosa, pois os pescadores artesanais são os olhos da comunidade, porque vivem no rio e suas vidas dependem dele”.



Pesca de tarrafa no Rio Pará

O prazer de viver em contato com a natureza, para ele, supera todos os problemas. “Eu gosto dessa vida, não tem ninguém para me aborrecer. E peixe bom é na beira do rio, eu gosto de preparar lá mesmo, ponho um salzinho e pronto”. Ele usa redes de espera para pescar curimatã, mandim, piau e pacu, além de uns dourados.

O pescador, que já morou em Três Marias, pensa em voltar a morar na cidade. “Aqui nosso campo de atuação é muito limitado. Lá tem o São Francisco, a represa, o Paracatu, o Abaeté. E a turma lá é muito boa também”.



**P**ara preservar a vida nas águas dos rios e favorecer as comunidades que utilizam os recursos hídricos como fator de desenvolvimento, a Cemig criou o Programa Peixe Vivo.

Esse programa inclui as atividades de peixamento, que de 2004 a 2007 soltaram mais de 2,2 milhões de alevinos de espécies nativas nos rios da região. A maior parte deles foi produzida nas estações da Cemig, Volta Grande e Itutinga, e na de Três Marias, em um convênio com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, que gera 200 mil alevinos por ano, e de Machado Mineiro, em convênio com a Escola Agrotécnica Federal de Salinas, além da produção em parceria com o produtor rural.

As estações também investem na preservação das espécies nativas e na realização de pesquisas e monitoramentos, em parceria com universidades mineiras.

Os projetos de produção e reprodução de alevinos de pirapitinga e jaú, espécies ameaçadas de extinção, e de reinserção da piracanjuba, que já havia desaparecido da Bacia do Rio Grande, são exemplos dos trabalhos em andamento.

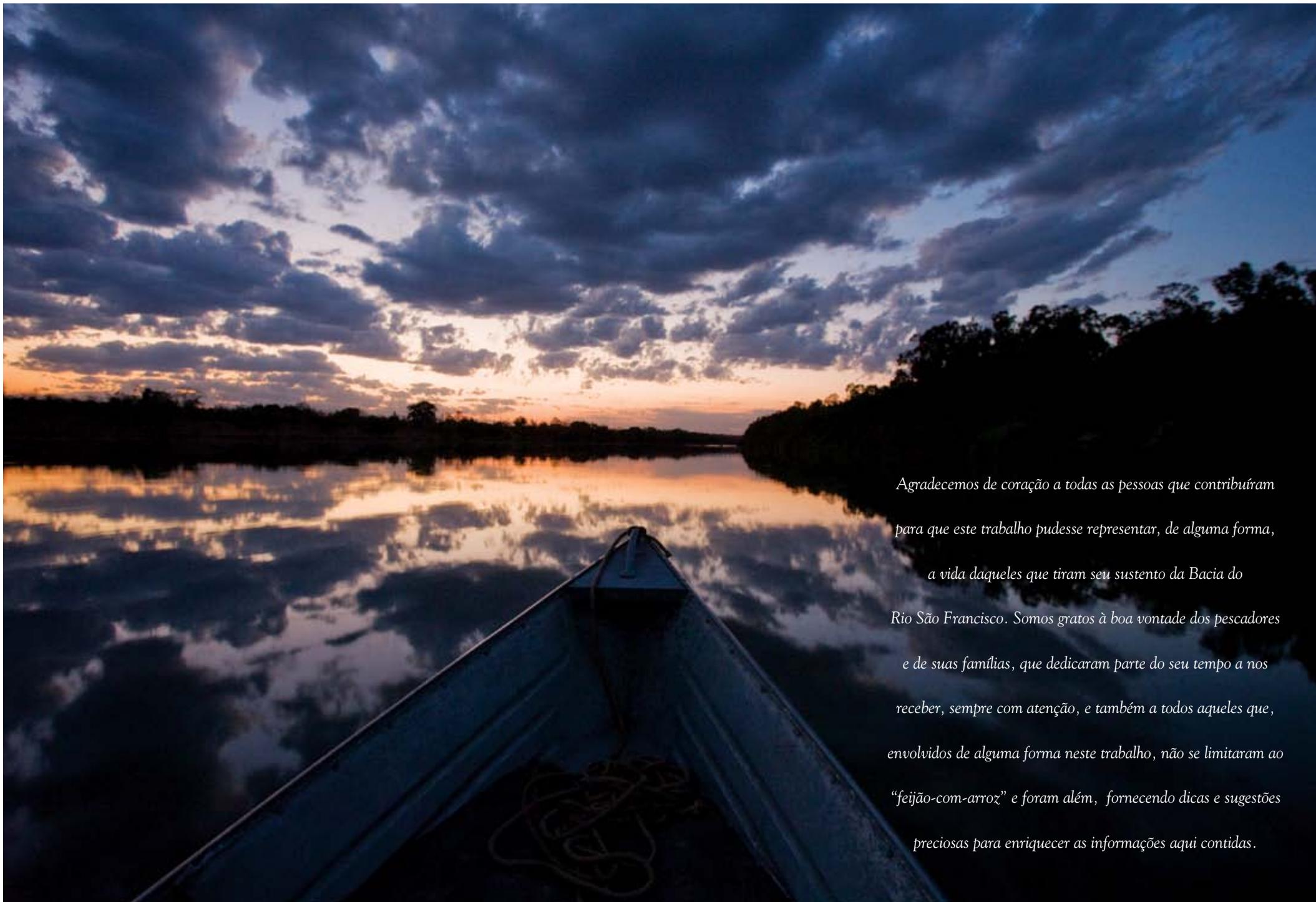
São realizados também estudos sobre a migração dos peixes, com o seu monitoramento por telemetria e marcação

de espécimes, além da ampliação do desenvolvimento de tecnologias e procedimentos que evitem riscos aos peixes durante a operação das usinas.

Para proteger o ecossistema, a Empresa investe na preservação da qualidade da água dos rios, fazendo o monitoramento limnológico e o reflorestamento ciliar.

E toda a comunidade é chamada a participar, como já acontece nas ações de educação ambiental em Minas. Para isso, o programa prevê a criação de canais de comunicação, a distribuição de material informativo e a promoção de eventos como oficinas com a participação dos diversos segmentos da sociedade, buscando as melhores práticas para beneficiar a ictiofauna e as bacias hidrográficas do Estado.





*Agradecemos de coração a todas as pessoas que contribuíram para que este trabalho pudesse representar, de alguma forma, a vida daqueles que tiram seu sustento da Bacia do Rio São Francisco. Somos gratos à boa vontade dos pescadores e de suas famílias, que dedicaram parte do seu tempo a nos receber, sempre com atenção, e também a todos aqueles que, envolvidos de alguma forma neste trabalho, não se limitaram ao “feijão-com-arroz” e foram além, fornecendo dicas e sugestões preciosas para enriquecer as informações aqui contidas.*

## P E S C A D O R E S

- Colônia Z-05 Três Marias:

*Norberto Antônio, Luciano Emídio, Silvano Dantas, David Alves, Agenor Amador, Juarez Ribeiro, Dimas Gomes, Maria Antônia e David Gomes*

- Colônia Z-01 Pirapora:

*Reinaldo Alves, Clodovel dos Santos, Sebastião Marques, Pedro Melo e Manoel Conceição de Jesus*

- Colônia Z-02 Januária e Colônia Z-03 São Francisco:

*Jorge de Souza, Paulino Pereira, José Lopes, Enivaldo Gomes, Manoel Surubim, Dionízio Pedro, José Rodrigues, Policarpo dos Santos, Edgilson Leite e Geraldo Fernandes*

## B I B L I O G R A F I A

- “Grande Sertão: Veredas” – João Guimarães Rosa – Ed. Nova Aguilar
- Guia Ilustrado de Peixes da Bacia do Rio Grande – Cemig/Governo de Minas Gerais
- “Guia Ilustrado de Peixes do Rio São Francisco de Minas Gerais” – Ed. Empresas das Artes
- “Guia Ilustrado de Pesca Amadora no Brasil” – Ed. Empresa das Artes
- “Três Marias - Meio Ambiente/96” – MMA/Prefeitura de Três Marias/MG – Bárbara Johnsen
- “Veredas de Três Marias” – MMA/Prefeitura de Três Marias/MG – Bárbara Johnsen e Cristiane Lopez
- “Pescadores artesanais do Alto São Francisco: condições de vida e ordem social” – Maria Inês Rauter Mancuso (UFSCar) e Ana Paula Glinfskoi Thé (Unimontes)
- Internet – [www.portalpeixe vivo.com.br](http://www.portalpeixe vivo.com.br)

*Projeto Gráfico:*

Jura Camargo – Capra Fotografia

*Texto:*

Paulo Bastos Boa Nova

*Fotos:*

João Marcos Rosa – Agência Nitro

*Produção:*

Bárbara Johnsen

*Edifício-Sede:*

Companhia Energética de Minas Gerais – Cemig

Avenida Barbacena, 1.200

Caixa Postal 992

Belo Horizonte, MG

30161-970

Brasil

Telefone: (31) 3506-3711

[www.cemig.com.br](http://www.cemig.com.br)

  
Companhia Energética de Minas Gerais

